



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	1

**TERCEIRA SECRETARIA
DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO
SETOR DE TAQUIGRAFIA
SETOR DE TRAMITAÇÃO, ATA E SÚMULA
2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 7ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA 19ª
(DÉCIMA NONA)
SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO
GERAL PARA DEBATER AS QUESTÕES RELATIVAS AOS
CORRESPONDENTES NÃO BANCÁRIOS DO BANCO DE
BRASÍLIA – BRB,
EM 17 DE MARÇO DE 2016**

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Está aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Em razão da aprovação do Requerimento nº 1.557, de 2016, de autoria da Deputada Celina Leão, a sessão ordinária de hoje, quinta-feira, fica transformada em comissão geral, para debater as questões relativas aos correspondentes não bancários do Banco de Brasília – BRB.

(A sessão transforma-se em comissão geral.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Convido todos a descerem. Vou suspender a sessão, enquanto aguardamos as autoridades que comporão a Mesa. Suspenso a sessão por cinco minutos.

(Suspensa às 15h39min, a sessão é reaberta às 16h.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Está reaberta a sessão.

Registro as presenças dos Deputados Ricardo Vale, Chico Leite e Wasny de Roure.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	2

Convido para tomar assento à Mesa conosco o Secretário Adjunto da Fazenda do Distrito Federal, Sr. Wilson de Paula; o Diretor do Banco de Brasília – BRB, Sr. Nilban de Melo Júnior; a Diretora do Banco de Brasília – BRB, Sra. Kátia do Carmo Peixoto Queiroz; o Presidente do Sindicato dos Correspondentes Bancários e Não Bancários do DF – SINDCORB/DF, Sr. Cristiano Varela de Moraes; a advogada do Sindicato e Secretária Geral da OAB/Taguatinga, Sra. Karolyne Guimarães; o secretário geral do Sindicato, Sr. Paulo Roberto Matos.

Quero fazer algumas considerações iniciais. Primeiro, quero agradecer a presença do BRB, Nilban, para a gente discutir os problemas que estamos vivendo no BRB – Conveniência. Talvez, quando a gente entra na questão técnica, não temos a dimensão e a amplitude que esse programa alcança hoje no Distrito Federal. O BRB – Conveniência faz com que o banco BRB esteja presente, verdadeiramente, em nossas cidades, em todos os locais, fazendo com que isso seja uma grande marca do BRB, o banco, realmente, de Brasília. Eu quero agradecer a sua presença, a da Kátia, do nosso Secretário Adjunto da Fazenda para a gente discutir.

Quero falar aqui para as pessoas que estão participando dessa audiência pública que as pessoas da Mesa terão direito à fala e, se alguma pessoa quiser falar, faça a inscrição. O público em geral tem três minutos para a fala. A gente, às vezes, limita para não ficar muito chato e para podermos ouvir o que a Mesa tem para discutir.

Então, peço que vocês tentem se organizar, de forma conjunta, para indicar quem vai discutir, quem vai falar. Dessa forma, a gente vai ter o máximo de informações num menor espaço de tempo e a gente vai poder ouvir também, no final, as ponderações, a contrapartida também do banco.

Eu quero, neste momento também, agradecer aos deputados que se fazem presentes nesta audiência pública: o Deputado Wasny de Roure – sempre muito atuante nessa questão do banco; o Deputado Ricardo Vale também; bem como o Deputado Chico Leite, que também se faz presente.

Para iniciar, vou conceder o uso da palavra ao Paulo. É importante ouvir o Paulo. Vou passar a palavra a ele. Depois quero ouvir vocês e, no final, as pessoas que compõem a Mesa, se vocês concordarem. O Nilban e a própria Kátia vão anotando as demandas para, no final, responderem a todo mundo.

Passo a palavra ao Paulo Roberto Matos, Secretário-Geral do SINDCORB – Sindicato dos Correspondentes Bancários e não Bancários do DF, para fazer as considerações iniciais em nome do sindicato. Depois passo a palavra ao Cristiano para falar junto com o Nilban.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	3

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Presidente, boa tarde. Obrigado por nos deixar fazer uso da palavra.

Queria iniciar dizendo que o BRB Conveniência e todos os cerca de duzentos microempresários só desejam uma coisa: ser parceiros do BRB. É isso o que nós desejamos ser, mas, infelizmente, de um determinado tempo para cá, não é o que nós somos, não temos essa recíproca.

As implantações das lojas de conveniência do BRB já datam de mais de dez anos. Hoje nós temos mais de duas centenas de conveniências. Tivemos o corte da manutenção da remuneração de preparação de malote da ordem de R\$83,00 para R\$41,50; negociamos, voltou. Obtivemos uma cautelar no Tribunal de Contas do Distrito Federal. Conseguimos uma cautelar e recuperamos os R\$83,00, mas de forma cautelar. Quer dizer, não tem nada definitivo.

Nós tivemos a manutenção do valor da caução do CDB. Nós pedimos e queremos a manutenção da caução do CDB em 20 mil reais. Eles estão aumentando agora, na renovação, para 50 mil reais. Na situação econômica do País, fazer com que um microempresário – todos aqui são microempresários – disponha de 50 mil reais para aplicar a uma taxa pequena, quase sem rentabilidade, é sufocar esse microempresário.

Nós precisamos que, em todos os dias de maior movimento do BRB, especialmente no dia 10 – o dia principal é o dia 10 – e em outros dias, o sistema do BRB funcione, pois nesses dias, ele cai a todo momento, e as filas ficam quilométricas, causando uma série de transtornos no atendimento.

Nós precisamos – sei que às vezes, em alguns momentos, somos um pouquinho repetitivos – que seja revista a remuneração, a revisão das tarifas remuneratórias do BRB, porque há mais de três anos não é aumentada, está no mesmo patamar. Para surpresa nossa, depois do último encontro que tivemos lá no BRB com o presidente, com a diretora Kátia, ainda reduziram a tarifa dos títulos para 75 centavos. Tivemos uma redução de 25%. Baixou de 1 real para 75 centavos, ou seja, a conveniência hoje reduziu o seu faturamento em 25% a 30%. A realidade única e crua é essa. Nós reduzimos, nós provamos matematicamente. Matemática é simples: dois mais dois são quatro. Não dá para mentir.

Então, nós provamos lá em dezembro que as lojas de conveniência do BRB, em sua maioria, davam prejuízo aos seus proprietários. Nós não conseguíamos pagar a conta. Com essas reduções, já digo que, praticamente, todas as conveniências estão dando prejuízo, praticamente todas. Isso com o tempo vai ficar claro. Se o objetivo é acabar com as conveniências, vão atingir essas lojas, que serão fechadas, praticamente fechadas. Não tem como sobreviver. Nenhum empresário vai colocar dinheiro na sua conveniência para mantê-la. O seguro que nós pagamos dá em torno



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	4

de 4 mil reais por ano. Esse seguro é para garantir o dinheiro do BBR que está vindo para a gente! Representamos, simplesmente, um momento de trânsito desse dinheiro, quem paga somos nós. Quer dizer, quando você divide 4 mil reais por ano, dá em torno de 400 reais, 350 reais por mês. Hoje em dia, para um BRB Conveniência, 200 reais é dinheiro pra caramba!

Eu queria ressaltar – está aqui o representante da Secretaria de Fazenda – que o BRB Conveniência – hoje há em torno de 280 conveniências – gera cerca de mil empregos. São mil empregos diretos, no mínimo, e em torno de oito mil empregos indiretos. Se o objetivo for fechar essas conveniências, não tenham dúvida de que vamos gerar mais desemprego nesta situação caótica que vive o País e que vive o GDF, principalmente, com um índice de desemprego nunca atingido na história! Então, com o fechamento do BRB Conveniência, o que vai acontecer? Vamos gerar mais desemprego nesse Distrito Federal, que já está carente!

O BRB Conveniência gera para o estado – pasme, Sra. Presidente, Deputada Celina Leão – cerca de 20 milhões de impostos pagos pelas 280 conveniências. O que vai acontecer? Vai deixar de gerar imposto para o estado, que já está carente de imposto. É matemático isso. Eu não estou falando nenhuma... Eu já usei da palavra algumas vezes, eu não estou usando nenhuma ficção, não estou usando nada da minha conveniência ou de outra. É o geral. São em torno de 20 milhões de reais anuais que vamos deixar de gerar de imposto no Distrito Federal; são em torno de mil empregos que se fecharão. Se fecharem a metade, vão deixar de gerar 5.500 empregos, automaticamente 4 mil empregos. Isso é um caos para nós e para a população do Distrito Federal.

O que nós clamamos e volto a clamar – eu já falei com o Presidente Vaz, eu já falei com a Diretora Cátia, já falei com a Presidente Deputada Celina Leão, eu já falei com todo mundo – é que nós só queremos ser parceiros. Só isso. Agora, do jeito que está, nós não somos parceiros, nós somos adversários. O BRB vê as conveniências como adversárias. Essa é a realidade, não tem como ser diferente. O que está acontecendo? Estão sufocando a gente, estão acabando com a gente, estão reduzindo a gente a nada. No mês passado, o meu faturamento bruto, que era em torno de 14 mil, baixou para 11 mil. Eu tive que colocar dois mil e quinhentos reais do meu bolso, do salário que eu tenho de aposentado. Essa é uma realidade.

Fico imaginando aquele companheiro que é microempresário que só vive do BRB Conveniência. Eu ainda sou um felizardo. Eu tenho a minha aposentadoria do Banco do Brasil, ainda ganho meu dinheiro e tenho o meu sustento. Agora, quem está vivendo, eu imagino... Eu converso com companheiros. O pessoal está com parcelamento no Simples, está com parcelamento não sei onde, está devendo contas no BRB.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	5

O BRB, hoje, não empresta nenhum tostão para o BRB Conveniência. Eu tenho minha conta, nunca emiti um cheque sem fundo, tenho saldo, tenho crédito, tenho saldo médio. Eu peço empréstimo ao BRB, mas ele não concede mais empréstimo. Que política é essa? É para sufocar?

Agora, eu tenho consciência também, Sra. Presidente, Deputada Celina Leão, de que isso não é nada dirigido diretamente às conveniências. Os funcionários também estão passando sufoco. É PDV, é um monte de coisa. Mas, aí, é outro campo. Eu não estou aqui para brigar e defender sindicato.

Então, eu não estou entendendo a política do BRB de acabar com as conveniências. As conveniências foram a coisa mais bem bolada que aconteceu no sistema bancário. Quem fala isso é um bancário aposentando há 30 anos. Não tem tipo de atendimento ao público igual ao BRB Conveniência, e ele está simplesmente eliminado com as atitudes que o BRB Conveniência está tomando.

É isso, Sra. Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada.

Eu gostaria de registrar também a presença do nosso querido Deputado Wellington Luiz.

Os Deputados têm prerrogativa de falar nas audiências públicas. Portanto, Deputado Wasny de Roure e Deputado Ricardo Vale, quando V.Exas. quiserem falar, podem me interromper e mandar aqui para gente. Enquanto isso, V.Exa. estão tendo a oportunidade de ouvir os inscritos.

Concedo, primeiramente, a palavra à Sra. Daniela Miranda, que é correspondente do BRB, da loja 896, do Na Hora de Taguatinga. A senhora pode falar da tribuna. É melhor porque está sendo transmitido pela *TV Distrital*.

SRA. DANIELA MIRANDA – Boa tarde. Eu vou falar rapidamente de um histórico e do nosso objetivo aqui.

Nós somos hoje 287 conveniências no Distrito Federal e em Goiás, que são definidos como canais de atendimento ao público, assim como são também os caixas eletrônicos, as agências e o *internet banking*.

Ano passado, fomos surpreendidos pela decisão da nova diretoria do BRB de mudar o modelo de remuneração que havia sido contratado por gestões anteriores. Essa mudança de remuneração faria com que, imediatamente, metade das conveniências fechassem por total inviabilidade econômica. Nesse momento, todas as conveniências ficaram sem chão ao mesmo tempo, porque a gente estava diante de uma crise econômica, política, moral e ética sem precedentes na história do País e diante também de um gigante do mercado financeiro tentando acabar com a nossa



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	6

fonte de sobrevivência, que havia sido criada por ele mesmo, por esse mesmo gigante pouco tempo atrás.

Tudo isso aconteceu, nós acreditamos, em função de contas matemáticas que foram feitas de formas diferentes. Uma delas, no passado, justificava a abertura de quinhentas conveniências; e a outra, pouco tempo depois, foi feita pelo mesmo departamento do banco – talvez por outra pessoa diferente, não sei – no sentido de fechar 80% das conveniências que haviam sido abertas.

Então, nesse ponto, acho que todos concordam que as conveniências não dão o mesmo retorno para o banco, para o BRB, que uma operação de crédito, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, o importante é que elas não dão prejuízo para o banco. E também elas se justificam porque, além da questão humanitária, fomentam a economia do DF, como já foi falado, através do recolhimento de impostos; elas prestam um excelente serviço à população, elas geram milhares de empregos, elas captam clientes para o BRB e elas atendem também às necessidades essenciais básicas de comunidades que não são bancarizadas, não têm acesso a banco.

Concluindo, a gente só está pedindo respeito e cumprimento dos compromissos feitos pela própria instituição BRB no passado. Quando nós fomos chamados por edital para montar as conveniências, nós não estávamos brincando de abrir empresa. (Palmas.)

O nosso objetivo era trabalhar em parceria com o BRB, prestar um serviço de qualidade em prol da sociedade e também em troca de uma remuneração justa e digna. (Palmas.)

Obrigada e boa tarde.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Daniela.

Temos um vídeo que foi preparado pelo pessoal do sindicato. Peço que ele seja apresentado.

(Apresentação de vídeo.)

(Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada.

Concedo a palavra ao Sr. Larcele Mendes Elias, da Conveniência da 764 e 771 de Planaltina de Goiás.

SR. LARCELE MENDES ELIAS – Boa tarde. O que viemos pedir aqui é que seja mantida a parceria. Quando a gente conversa com outro correspondente, percebe todo mundo tem medo do que vai acontecer. O que a maioria acha é que estão projetando o fim. Então, é isso o que a gente quer saber. Acontecendo as



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	7

medidas que se projetam, seria fechada, imediatamente, cerca de 70% das conveniências, As outras talvez durariam um pouco mais.

Vou ser breve aqui, porque boa parte do que tinha que ser dito já foi. Eu queria lembrar um argumento que o BRB tem hoje e que eu sei que é um dos entendimentos do banco quando toma essas medidas. Isto foi defendido pela Sra. Kátia, quando ela veio aqui da outra vez: que a nossa tabela está acima de algumas outras e que a nossa capacidade de atendimento, os limites com que a gente trabalha também são acima do mercado. O nosso investimento inicial também é acima do mercado. O mercado com que a senhora comparou da outra vez foi o de pessoas que não investem nada. Você não investe nada para abrir BRB Expresso, um caixa aqui... E hoje, em uma conveniência mínima que se for abrir hoje, o investimento mínimo, inicial, é de 90 mil reais. (Palmas.).

Os nossos cofres e a nossa estrutura de trabalho têm o que nenhum desses outros têm. O nosso cofre – já foi dito lá atrás. Hoje não, porque o banco já deve ter reformado... Mas, quando a gente colocou nossos cofres, algumas pessoas do banco diziam que nem a agência tinha cofres como os nossos. Então, o banco criou um modelo forte, um modelo estruturado, um modelo de sucesso, dito por quem é do banco. As pessoas do banco, quando ao Banco Central conversar sobre a forma, dizem que os outros bancos concorrentes perguntam: “O que vocês fazem que dá certo? Por que a gente tenta isso aqui e não dá certo?” E um banco pequeno, em nível nacional, como é o BRB – aqui é um banco gigante –, consegue o que outros bancos não conseguiram e que tentam hoje.

A gente sabe da lucratividade, porque o banco é grande, e o que é investido nas conveniências. Acho que deve ser algo em torno... Porque o banco paga em fatura, em todas as conveniências... É difícil saber, porque ele está fechando várias, mas deve ser algo em torno de 4 milhões ou um pouco mais do que isso, É muito pouco, diante do que ele consegue. A gente sabe que o banco gasta muito mais com outras estruturas e que não tem o retorno social como o da conveniência. (Palmas.) Que não desafia o banco como desafogam as conveniências. Então, a gente quer ter o terreno firme, onde isso possa ser firmado.

Quando fechei meu contrato, vi que ele dizia claramente: nós pagamos isso. Vocês são obrigados... para a gente voltar atrás, no contrato, tem que ter a anuência do banco. E nós podemos pagar qualquer valor menor do que isso do jeito que a gente entender. A gente paga X e pode decidir pagar X menos 99%. É isso que o contrato diz. Paga um real, vai pagar 75 centavos. Se amanhã ele quiser colocar a vinte centavos – o contrato diz –, ele pode fazer e obrigar a gente a trabalhar. Porque o contrato só é encerrado se quiser... senão a gente paga cem mil, que é o valor do contrato.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	8

Então, a gente sabe que o contrato não nos dá nenhuma garantia. Quem lê o contrato antes de assinar sabe disso. Mas quem, quando assina um contrato com o BRB, vai imaginar? Quem vai imaginar que o banco vai virar e falar assim: "Olha, hoje é lucrativo, mas eu vou acabar com tudo e vou inviabilizar o seu negócio. Quando eu fechei o meu último contrato, perguntei isso para quem faz o contrato. Ele disse assim: "Não, o banco nunca voltou atrás. Para que o banco vai pagar um valor e voltar atrás? A gente sabe que quem é um diretor do banco, um vice-presidente do banco é uma pessoa bem preparada. Para o banco poder dizer quanto vai pagar para a gente, é feito muito estudo, tudo com orçamento. Se ele entendeu que, em dado momento, poderia pagar aquilo ali, foi porque podia. Foi porque podia! Tem que fazer ajustes? Tem. Eu concordo que tem que fazer ajustes, porque tem coisa que está errada. Mas um ajuste que inviabilize... Um ajuste que não sobre o qual não é dado nenhum aviso antes... O banco hoje muda as coisas de um dia para o outro. Ele avisa, às sete horas da noite, o que você não vai poder fazer no dia seguinte. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Larcele.

Concedo a palavra ao Deputado Ricardo Vale.

DEPUTADO RICARDO VALE – Quero primeiro cumprimentar a nossa Presidente, Deputada Celina Leão, por esta audiência importante neste momento importante por que passa a economia do Distrito Federal, e também, evidentemente, os representantes das lojas de conveniências do BRB do Distrito Federal. Cumprimento também o Secretário Adjunto, Sr. Wilson de Paula; o Diretor do banco, Sr. Nilban de Melo Júnior; a diretora Kátia do Carmo; o Presidente do Sindicato, Sr. Cristiano Varela; a advogada do Sindicato, Sra. Karolyne Guimarães, e o Secretário do Sindicato, Sr. Paulo Roberto Matos,

Sras. e Srs., acho que foi em agosto que o Deputado Wasny de Roure realizou chamou uma audiência parecida com esta e eu estive aqui. Já naquela ocasião, a gente percebeu que a política do banco com as conveniências já vinha sendo mudada. Já havia muitas reclamações dos proprietários de conveniências com relação ao trato dado pela nova direção do banco – quando houve a mudança de governo – às conveniências.

Confesso que saí esperançoso daquela audiência. Eu achava que as coisas iriam melhorar, até porque acredito que um banco público, se não tiver um papel social, não tem que ser público. (Palmas.)

Eu e os demais Deputados temos defendido o BRB. Já tentaram privatizá-lo por várias vezes, e espero que o Governo Rodrigo Rollemberg não esteja com essa intenção também.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	9

(Intervenções fora do microfone.)

DEPUTADO RICARDO VALE – Pois é, mas a gente vai impedir. Nós não vamos deixar que o banco seja privatizado. Agora, ele vai ter que ter o papel social dele. E as conveniências cumprem um dos papéis mais importantes para a sociedade do Distrito Federal, porque, além de facilitar para as pessoas carentes – porque há um determinado segmento da sociedade que faz suas operações no seu próprio computador... Mas as pessoas carentes precisam do banco próximo a elas. Além disso, de facilitar para essas pessoas, por estar mais próximo da comunidade, gera emprego e renda. Quantos auxiliares vocês devem ter, ou tinham, nas lojas de vocês? Eu estou muito preocupado, porque, como eu falei, quando eu saí daqui, daquela reunião, eu achei que as coisas iriam melhorar, mas, ao contrário, elas estão piorando. (Palmas.)

O banco tem de ser sincero não só com vocês, mas com a população do Distrito Federal. Qual a política? O que está dificultando? São recursos, dinheiro? Quantas vezes nós aqui somos chamados, os Deputados, para interceder em várias áreas do governo, nós nos mobilizamos e remanejamos os recursos? Qual o problema? A direção do banco tem de ser transparente, tem de ser sincera com vocês e conosco. (Palmas.)

Eu espero, Deputada Celina Leão, que, nesta comissão de hoje, os representantes do banco possam ser mais claros e mais transparentes para que possamos saber, de fato, o que está acontecendo. Nós não vamos deixar que o banco seja privatizado, nós vamos exigir que ele cumpra o seu papel social e não vamos deixar que o banco acabe com as conveniências. Não vamos. É papel desta Casa. Não vamos deixar! (Palmas.)

Essa é uma política de enfraquecer e de tirar determinados serviços que são importantes para a manutenção, para a geração de emprego, para a economia da cidade. Podem ir se acabando, se enfraquecendo. Passo nas ruas e vejo: “Vendo Conveniência”, aqui, ali, nos jornais. A coisa não deve estar boa mesmo, para estarem querendo vender. Eu espero que, hoje, a direção do banco seja mais transparente e diga o que quer. Do jeito que está aí, a tendência é acabarem as conveniências. E elas vão deixar de cumprir um papel social importante. Se isso acontecer, fica difícil, depois, defendermos qualquer política do banco. Banco público tem de ter seu papel social.

Contem comigo e com esta Casa. Já é a segunda audiência que a gente faz sobre isso em pouco mais de seis meses. Espero que não seja mais necessário discutir isso aqui de novo. Que o banco fale o que quer das conveniências e qual a política para recuperá-las. Nós vamos juntos e, no que pudermos ajudar,



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	10

ajudaremos. Do que se precisa? De recursos? Qual política precisa? Fale o que é, que ajudamos. É isso. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Deputado Ricardo Vale.

Neste momento, concedo a palavra à Sra. Antonieta Bonfim Palácio. (Palmas.)

SRA. ANTONIETA BONFIM PALÁCIO – Boa tarde, Sra. Presidente, Srs. Deputados, donos e representantes aqui das conveniências. Eu fico muito feliz por estar participando aqui. Represento a comunidade do Riacho Fundo II e sei, realmente, das dificuldades por que todos vocês estão passando. Foi passado um vídeo ali sobre a importância de cada Conveniência na nossa comunidade.

O Riacho Fundo II é uma cidade jovem, e nela não existe banco ainda; haverá, se Deus quiser, futuramente. Então, perto da minha casa, existe essa Conveniência, e não tem coisa melhor, principalmente para o idoso. Eu não preciso me deslocar ao centro de Taguatinga e não ser bem atendida, porque lá eu fico sentada esperando horas e horas, perdendo tempo do meu trabalho.

Sra. Presidente, representantes aqui do BRB, eu gostaria muito que os senhores se sentassem e pensassem melhor em qual deveria ser a atitude correta a se tomar para manter as nossas conveniências, porque cada um de vocês sabe aqui o bem que elas nos fazem, principalmente para os idosos. Não são corretas essas atitudes de retirar aqueles valores, como eu estava ouvindo aqui, que foram adquiridos por eles. Na verdade, esses representantes das conveniências não pediram esmola para o senhor. Estão pedindo simplesmente respeito pelo trabalho. É só isso que eles estão querendo. Eles não estão pedindo esmola. Eles estão realmente empregando várias pessoas no Distrito Federal. O desemprego está aí, como todos nós sabemos. Está todo mundo desempregado. Ouçam bem: se fecharem mais algumas conveniências dessas, fiquem sabendo que isso significa desemprego para os pais de família, mães de família. Quantas mães não trabalham para sustentar os seus filhos?

Seria muito importante que os senhores pensassem direito. Tenho certeza de que esse sindicato está muito bem representado. O que nós estamos pedindo não é nada mais, nada menos de que aquilo a que realmente nós temos direito. Nós sabemos que representamos muito bem o BRB. É só isso.

Não vou tomar muito tempo. Foi um prazer conhecer o senhor, conhecer os senhores. Eu tenho certeza de que a partir de hoje essa situação vai ser diferente. Obrigada e boa tarde. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Antonieta.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	11

Concedo a palavra ao Sr. Dhener Lino da Cruz.

SR. DHENER LINO DA CRUZ – Boa tarde a todos. Quero cumprimentar o Sr. Secretário Adjunto, a Diretora Kátia, a Presidente Deputada Celina Leão, o Sr. Alexandre e todos os outros dos quais eu não sei o nome porque não conheço todos.

Eu venho falar em nome das conveniências. Sou das Conveniências 611 e 620, uma no Gama Sul e outra em Taguatinga Sul. Eu presenciei e fiz alguns tópicos aqui do que os próprios colegas já disseram quanto a parecer estar brincando de ser empresário. Para brincar de ser empresário, não precisa gastar dinheiro, mas só dar o tombo nos outros. E não é o que nós estamos fazendo. Para brincar de ser empresário, não precisamos investir 90 mil, 180 mil, igual se tem investido em duas conveniências e, de uma hora para outra, ouvir uma ameaça dizendo o seguinte: “Se você não se comportar desse jeito, nós não renovaremos o seu contrato”. Nós estamos num País de liberdade de expressão, um País que tem que ter uma liberdade como está acontecendo hoje já no Palácio do Planalto. Vejam o que está acontecendo em Curitiba. Tudo isso nos é empurrado goela abaixo. Peço que me desculpem pela sinceridade, pessoal do BRB, mas é isso que eu sinto. Eu me sinto como se fosse uma pessoa que não tivesse valorização nenhuma, com investimento de 180 mil dentro do próprio BRB.

As conveniências ficam com o trabalho oneroso do banco. O banco BRB eu conheço. Eu sou formado em administração de empresa, sou advogado atuante. Eu conheço que o banco BRB não gosta de recebimento de continhas de 2 reais, 3 reais, 20 reais, 40 reais. Esse serviço é o serviço que nós, donos das conveniências, fazemos. E, mesmo assim, nós temos que ter uma caução.

Há outra coisa que talvez algum dos convenientes não saiba. Eu tenho um sobrinho que trabalha no Banco do Brasil, e o Banco do Brasil e o Bradesco têm um projeto piloto em São Paulo que já está funcionando no estado. Abrirão conveniências no Brasil inteiro, assim como fez o BRB. Por que fizeram isso? Porque sabem que as conveniências dão lucro para o BRB. O Banco do Brasil, o Bradesco são instituições espertas, instituições que sabem o que acontece. Hoje estamos a contar moedas, mas para cada moeda que contamos, sabemos fazer a diferença do macro para o micro e sabemos que chegaremos ao macro, com certeza.

Convido todos que estão aqui a se preservar, a não falar besteira, a tratar o banco com respeito, porque eles também nos devem respeito e, quando você falta ao respeito com o banco, com o parceiro, ele perde também o dever de ter respeito por você. Convido todos os convenientes a que sejam respeitosos com todos eles, porque também cumprem ordem.

Contudo, assim como o Deputado falou, não espero seis meses. Se eu entendi mal, o senhor me desculpe, mas eu não posso esperar seis meses, porque



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	12

eu já estou tirando dinheiro do bolso para bancar o custo fixo das conveniências que tenho. Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Dhener. Vou passar a palavra agora para o Eduardo Fernandes, Vice-Presidente do Sindcorb. (Palmas.)

Esse rapaz é magrinho assim, mas pense num rapaz forte, que não desistiu da luta. Eu quero cumprimentá-lo e pedir a todos os correspondentes do BRB uma salva de palmas para o Eduardo. Não houve nem um dia, desde quando eu o conheci, em que ele não estivesse na Câmara Legislativa para lutar por vocês. Eduardo, você e o Cristiano parecem dois parzinhos de vaso, estão sempre juntos.

Então, quero parabenizá-lo mesmo pela luta.

SR. EDUARDO FERNANDES – Eu quero saudar a Presidente da Casa, Celina Leão, que, com muito carinho, sempre nos recebeu aqui; toda a Mesa; a Dra. Kátia, que também já me conhece muito bem; o Nilban, estive com ele também já no BRB; o Deputado Wasny, muito amigo; o Deputado Wellington, que também sempre foi um parceiro da gente; o Deputado Ricardo Vale, com quem não tenho muita intimidade, mas que também sempre esteve ao nosso lado. Desta Casa, de todos os Deputados que nós procuramos, nenhum nunca virou as costas dizendo: “Não vou ajudar vocês”.

O que nós precisamos entender é que tudo começou em setembro do ano passado. Inclusive, aqui nesta Casa tivemos uma audiência; foi o Deputado Wasny de Roure, na época, que a pediu. Nessa época, houve a retirada dos nossos caixas de nossas conveniências. Foi uma coisa que nos causou transtorno imenso porque, a partir de um projeto, uma conveniência com três caixas tem um atendimento. Quando ela tem quatro caixas, ela tem outro atendimento. Quando ela tem só dois caixas, Deputado, ela tem outro atendimento.

Tudo começou com essa questão. Falaram: “Ah, mas nós temos que tirá-las porque estão dando prejuízo para nós”. O engraçado é o seguinte: a captação de recursos das conveniências, de 3 bilhões em espécie, abastece todo o parque de autoatendimento do banco – e isso causa prejuízo. Sabe por que causa prejuízo? Porque o banco não pega dinheiro emprestado com o Banco Central, com o Banco do Brasil, para poder colocar no mercado. Ainda tem mais: nós geramos uma economia de 2 bilhões e 400 milhões para o banco. Isso tudo feito por técnicos. Contudo, de uma hora para outra, o jogo muda. A história muda, e nós temos que engolir goela abaixo o seguinte: “Vocês estão dando prejuízo”. Então, nós temos que encontrar uma forma de parar de dar prejuízo porque ninguém vai ficar com quem dá prejuízo.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	13

Eu falo para todo mundo isto: empresário nasceu para ganhar dinheiro, empresário não nasceu para brincar de ser empresário. Empresário não nasceu para fazer bonito para ninguém, empresário nasceu para contar dinheiro e, quando chegar o final no mês, Deputado, ele poder falar para a família assim: “Eu tenho um dinheiro aqui para nós fazermos uma viagemzinha”.

No momento, a gente está tirando recurso do bolso para poder investir. Aí vem outro adendo do banco: “Mas a primeira atividade de vocês tem que te dar lucro”. Então eu digo mais uma vez o que eu disse para a Dr. Kátia lá no BRB. O incrível, Deputados, é que ninguém sai para pagar uma conta com ela dentro da bolsa e fala assim: “Eu vou dar um rolé ali na padaria do João, vou lá comprar um pão”. E, chegando lá para comprar o pão, ele lembra: “Ó, está aqui dentro da minha bolsa uma continha, eu vou pagar essa conta aqui”. A teoria é muito linda, mas, na prática, funciona diferente. O camarada pega a conta e fala assim: “Eu vou lá na conveniência do João, da Maria, do José pagar a minha conta porque lá é mais rápido”.

O atendimento é mais rápido, o atendimento feito lá é de qualidade. Não que o do banco não seja, mas o atendimento que as conveniências têm, o contato que nós temos com os nossos clientes hoje, é um contato direito. Todos os clientes da minha conveniência, hoje, e eu creio que os das demais que estão aqui representadas, conhecem o dono da sua conveniência e são todos bem tratados, assim como se viu no vídeo. Esse vídeo foi feito para mostrar a vocês a importância do nosso papel social para o banco.

Nós queremos que o banco nos tenha como parceiros. Sobre a questão da cautelar, Dra. Kátia, eu quero dizer que, quando nós procuramos o TCDF – Tribunal de Contas do Distrito Federal, não foi para desafiar o banco. Nós o procuramos porque, na última conversa que tivemos, o presidente do banco levantou um papel e disse que havia um questionamento do Tribunal de Contas, que aquela tarifa que era paga a nós era ilegal.

A partir de quando você diz que existe algo irregular... Nós não estamos aqui para fazer nada ilegal. Nós queremos aquilo que é legal. Nós queremos aquilo que é direito nosso. Se é ilegal, então nós não queremos. Eu tenho certeza de que todo mundo que está aqui não quer nada ilegal. Nós queremos só o que é nosso. Ou é mentira? Todos nós queremos aquilo que é legal.

Nós chegamos ao Tribunal de Contas e nos veio a surpresa: não existia esse documento dentro do Tribunal de Contas. “Eduardo, você está dizendo que o presidente está mentindo?” Não. Houve um equívoco de alguma coisa, mas não existe esse documento dentro do banco.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	14

Quando foi agora, depois que nós entramos na Justiça, conseguimos a cautelar, tudo certinho, porventura eu estava lá, os outros também – nós fundamos o sindicato em 29 dias justamente para resolver os nossos problemas –, nós descobrimos o seguinte: o sindicato dos bancários foi que provocou o TCDF. Por quê? Porque eles acham que o que nós ganhamos hoje são rios de dinheiro. Eu garanto para a senhora que, se a senhora sentar um dia com qualquer um dos empresários e fizer as contas, vai ver que elas não fecham.

Então, nós precisamos manter o mínimo daquilo que foi acordado lá atrás. Hoje, o sindicato não é do BRB. Ele é o sindicato dos correspondentes do Distrito Federal, porque nós vamos mudar a história dos correspondentes do Distrito Federal. Nós vamos levar aquilo que é bom, o que o BRB tem de bom, para todas as conveniências que existem. Por quê? Porque o custo de uma conveniência hoje...

(Intervenção fora do microfone.)

SR. EDUARDO FERNANDES – O custo de um título no banco é R\$4,52. O mesmo é feito na conveniência por R\$1,38. Imagina a economia que isso gera para o Distrito Federal. Se o Governador Rollemberg acha que deve fechar as conveniências por interesse dele, é uma coisa, mas dizer que hoje as conveniências dão prejuízo para o Distrito Federal, com isso eu não concordo e creio que nenhum que está aqui hoje concorda.

Nós estamos aqui querendo simplesmente que sejam cumpridos os contratos, que sejam cumpridas todas as tabelas. Nós não estamos aqui para fazer uma queda de braço com o banco. Nós estamos aqui para pedir, pelo amor de Deus, que venham sentar com o empresário, com o nosso economista e saber qual é a realidade que vivemos lá fora, que não é a realidade de um técnico que senta numa cadeira e faz as continhas dele lá. Eu digo que 70% do funcionalismo público que se arrisca no empresariado quebra no primeiro mês de trabalho. Sabe por quê? Porque, para ser empresário, a vocação tem que estar correndo na veia.

Outra coisa que foi anunciada é a questão do valor do título de 10 mil. Eu chamei um empresário para fazer parte do BRB e falei que lá ele teria a comodidade com o seu cheque 366 e pagaria suas contas. Então, eu trouxe um cliente de porte para dentro da nossa agência de Samambaia. Hoje, ele é um cliente com 200, 300 mil de investimento dentro do banco. Eu creio que esse é um valor para o banco até razoável. Só que hoje o camarada se sente impedido de pagar suas contas, por quê? Porque o título foi baixado de 10 mil para 5 mil e agora de 5 mil para 2 mil. Nós estamos retroagindo no tempo, e isso não pode acontecer!

Quero agradecer a todos os colegas que aqui estão presentes, porque é como a Deputada falou: nós estamos há 75 dias nessa luta, e não estamos aqui para brincar! Nós estamos aqui para ajudar o banco e ajudar cada empresário que tiver



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	15

difficuldade a vencer. Se tiver que fazer o curso para melhorar, os correspondentes bancários no Brasil, o Sindcorb está presente para fazer isso e ajudar o banco a melhorar o atendimento no Distrito Federal.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Muito obrigada, Eduardo.

Concedo a palavra ao Sr. Diretor do Sindicato dos Bancários, Cristiano Alencar Severo.

SR. CRISTIANO ALENCAR SEVERO – Boa tarde, boa tarde a cada empresário que aqui está, boa tarde a cada trabalhador que aqui se encontra. Temos certeza de que ninguém que aqui esteja está simplesmente por *hobby*, mas, sim, muito exercitando da cidadania, do direito e daquilo que todos nós devemos fazer.

Acredito que cada empresário que entra hoje no Brasil, merece muito, muito respeito. Um respeito que ninguém pode negar a um empresário, porque é difícil ser empresário hoje no Brasil.

Eu sou funcionário do BRB, sou Diretor do Sindicato dos Bancários, Secretário de Estudos Socioeconômicos do Sindicato dos Bancários, e o que a gente quer em muito dialoga com o que vocês querem. Por quê? Primeiro, queremos um funcionamento correto, sério de todas as conveniências. Porque aquelas que estão funcionando diferente disso prejudicam todos vocês que funcionam de forma correta. Tem muita conveniência que tem trazido prejuízo, e prejuízo grande, para o BRB, e nem esta Casa, nem as conveniências, nem o Sindicato dos Bancários, nem os funcionários do BRB podem admitir. Ou podemos? Ninguém pode admitir que o patrimônio público seja dilapidado porque existem pessoas que não são sérias e estão trazendo prejuízo ao BRB. Aquilo que traz perigo ao BRB traz perigo aos funcionários do BRB, traz perigo para a sociedade de Brasília, traz perigo, inclusive, para as conveniências e seus funcionários.

Quando nós falamos do cumprimento de um papel social, acredito que esse papel social deve começar muito dentro de casa. Por exemplo: as conveniências devem começar reconhecendo muito mais os seus próprios funcionários. Funcionário de conveniência têm que receber muito mais – e que pena que não recebem. Por causa da falta de regulação do sistema financeiro, por causa de uma falta de seriedade, muitas vezes, na concessão dessas conveniências, isso não acontece de forma séria e prejudica aqueles que estão trabalhando corretamente e correndo atrás para que possam ter algum lucro.

Então, primeiro, a gente tem que questionar o papel social que tanto é falado aqui, e ele tem que começar dentro de casa. Ou os funcionários das conveniências não sabem que, por prestar um serviço muito parecido com os dos funcionários do BRB, recebem muito menos por isso. Então, quanto à precarização, o



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	16

papel social tem que começar dentro das conveniências. A gente não pode falar disso prestado para fora, se dentro das próprias conveniências isso não está acontecendo. Estamos compartilhando de um mesmo pensamento...

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Pessoal, deixem eu garantir a fala do Cristiano. Ele tem os três minutos, é democrático. Depois, temos outras pessoas inscritas.

SR. CRISTIANO ALENCAR SEVERO – Quando iniciei, falei que nós comungamos muito. Por exemplo: há prejuízo da ordem de quatro milhões vindo de conveniência, prejuízo esse para o banco. Esta Casa vai admitir ou vai estudar isso? Porque quatro milhões é uma diferença que pode ser reorganizada, inclusive, remunerando melhor as conveniências que funcionam de forma séria. Ou vocês discordam disso? Tem que receber melhor? Tem que sentar com o banco e tem que receber melhor mesmo. Mas aqueles que estão prejudicando o banco, que estão prejudicando os funcionários têm que ter isso cuidado. Se a remuneração é insuficiente, se as contas não fecham, então vamos ver quem é que não está prestando isso de forma correta, e quem é que está tendo as costas largas e está trazendo prejuízo ao banco; servindo, inclusive, de coisas escusas para trazer esse prejuízo e prejudicar as conveniências.

Por fim, encerro falando o seguinte: aqui na Câmara estão tramitando alguns projetos que prejudicam, e muito, o BRB. Nós estamos aqui, conversamos já com o Deputado Ricardo Vale, com Deputado Wasny de Roure, com Deputado Wellington Luiz. Inclusive, há projetos aqui que dão opção a pessoas para que não fiquem no limbo, com a opção de serem estatutários ou não. Nós temos conversado, temos acompanhado, temos várias pessoas aqui com compromissos sérios e queremos crer na boa-fé de cada um, mas temos coisas aqui que vão atingir o banco, a sociedade de Brasília, o BRB, os funcionários do BRB, as conveniências e os funcionários das conveniências. Estão querendo tirar o consignado do BRB. Estão querendo retirar a folha de pagamento do GDF do BRB. Ei, nós queremos trazer algo aqui que sabemos que é do conhecimento de todos. O BRB, quando visita os cofres do GDF, é para dar dinheiro, é para entregar dinheiro, é para entregar dividendos, não é para pegar dinheiro não. E por que nós vamos querer tirar a folha de pagamento do GDF do BRB? Já passa pelo crivo do cliente dizer se ele permanece com a conta no banco ou não. Isso já é regulado pelo Banco Central e existe a portabilidade, quando o cliente vai dizer: "Eu gosto do BRB, o atendimento do BRB é diferenciado, com o seu conjunto de agências e de conveniências, nós prestamos um bom serviço, por isso permanecemos no BRB." Agora, vir alguém do Legislativo e dizer: "Ei, sai da tua opção, não passa mais pelo teu crivo, tua conta sai daqui, vai para outro canto".



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	17

O BRB é a instituição financeira oficial do DF e deve permanecer aqui, em prol do bem de Brasília, dos funcionários do banco, do banco e de toda população do DF, inclusive das conveniências e de seus funcionários. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Cristiano.

Eu quero registrar a presença do Deputado Raimundo Ribeiro, querido companheiro que chegou aqui também.

Eu acho a sua fala importante, Cristiano. Vamos ter até um novo momento para debatermos isso. O Poder Legislativo legiferante é ilimitado, qualquer Deputado pode propor qualquer projeto. Agora, a discussão tem que acontecer, com os sindicatos, com as associações. Muitas vezes, Cristiano, quando um Deputado propõe um projeto, não quer dizer que aquilo vai se materializar. Acho que, dos 24 Deputados aqui, ninguém tem intenção de quebrar o BRB, ele é um patrimônio nosso. Agora, o BRB precisa ter uma taxa diferenciada para os nossos servidores públicos? Precisa! Isso precisa ser discutido. Precisamos colocar o dedo nessas feridas? Precisamos!

Eu acho que a sua intervenção foi muito peculiar, como representante dos servidores do BRB, que cuidam daquele banco como se fosse o maior patrimônio – e é o maior patrimônio para vocês. Esta Casa está de portas abertas para você discutir com todos os Deputados. Nunca vamos levar um projeto para o plenário sem discussão, principalmente quando envolver carreiras, um patrimônio como esse do BRB.

Então, quero deixar esse registro e uma próxima oportunidade para discutirmos isso com você também.

É importante colocarmos sua fala sobre os quatro milhões desviados. Se pegarmos esses quatro milhões, perto da corrupção que já aconteceu dentro BRB, não é nada! Nada! Eu acho que é aí que está a função social do BRB Conveniência, a de deixar a presença do banco, enquanto não temos perna para ampliar. Não acho que tem de ter zero de corrupção. Agora, você balizar.... É a mesma coisa você pegar uma Câmara que tem 24 Deputados, tem um que é cassado, outro é bandido... Você não pode criminalizar um Poder. Eu acho que este é o ponto de equilíbrio nosso. Precisamos discutir aqui é isso. Esses homens e mulheres que estão aqui não querem dar prejuízo para o banco, eles querem ajudá-lo a ter lucro. Inclusive, tenho participado de algumas reuniões, Cristiano, em que temos colocado opções para que esses BRBs possam faturar mais para o banco, vendendo seguros, vendendo outras opções para o banco também.

Estou muito feliz com a sua presença. Eu acho importante debatermos, esta Casa nunca vai se furtar. É importante você se posicionar, discutir, para termos cada



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	18

vez um banco mais forte, um BRB Conveniência mais forte e servidores como vocês também fortes. Muito obrigada, Cristiano.

Vou passar a palavra ao Deputado Raimundo Ribeiro, que já inscreveu.

Os outros Deputados que estão aqui aguardando, quando quiserem falar.

DEPUTADO RAIMUNDO RIBEIRO – Quero cumprimentar a nossa Presidente, Deputada Celina Leão; toda a Mesa, nosso Secretário Adjunto de Fazenda, Wilson de Paula; o Sr. Diretor do Banco de Brasília, Nilban de Melo Júnior; Sra. Diretora do Banco de Brasília, Kátia do Carmo Peixoto de Queiroz; Sr. Presidente do Sindicato dos Correspondentes Bancários e Não Bancários do Distrito Federal – SINDCORB, Cristiano Varela de Moraes; Sra. advogada e Secretária-Geral da OAB Taguatinga, Karolyne Guimarães; e Sr. Secretário-Geral do Sindcorb, Paulo Roberto Matos. Também quero cumprimentar meus companheiros Deputado Wasny de Roure; Deputado Ricardo Vale, com quem tive o privilégio de estar hoje de manhã; e Deputado Wellington Luiz.

Senhoras e senhores presentes, quando me inscrevi, Sra. Presidente, eu o fiz para falar um pouco sobre a questão do banco. Ouvi atentamente o que foi dito pelo rapaz que me antecedeu, do Sindicato dos Bancários, e quero dizer que tenho muito orgulho, pois já fui bancário. Em 1971 – todos estão pensando que em 1971 eu nem era nascido, mas já era – eu trabalhava na maior organização bancária do mundo na época, o Citibank. Aquele banco realmente era extraordinário. Naquela época já tínhamos a preocupação de não deixar existir filas em banco. Ele já tinha preocupação com a qualidade, e já tínhamos correspondentes. Vejam que coisa interessante, e isso na década de 70. Depois, o tempo foi passando.

Por que estou dizendo isso? Porque eu aprendi, ainda criança, trabalhando no banco, que o banco tem que buscar parceiros, e não adversários. O que é o parceiro? É aquele sujeito ao qual eu ofereço uma vantagem para que ele esteja do meu lado. Isso o Citibank fazia.

Tenho como testemunha um cara chato para caramba, que é correspondente bancário, o José Maria Samarco, meu companheiro e meu amigão, que todo dia liga para reclamar. É sinal de que tem algum problema. É como aquela velha história do juiz que está em casa e diz que não acredita em Deus, mas a viúva toda hora fica enchendo o saco na porta da casa dele e ele julga logo o processo dela.

Realmente é hora de rediscutirmos o papel do BRB. Talvez ninguém aqui tenha tanto tempo de Brasília como eu tenho: moro aqui desde 1967. Eu vi esse banco crescer, vi esse banco passar dificuldades e também ambicionei, assim como muitos, ingressar no BRB. O que eu percebo – vou me afastar um pouquinho da questão dos correspondentes, para depois arrematar – é realmente uma diminuição



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	19

da qualidade. Esta Casa – pode ter certeza quem me antecedeu – não trabalhará para criar reserva de mercado. Ela vai trabalhar para que o cidadão, o destinatário final de qualquer serviço público, seja bem atendido e opte pelo BRB porque o BRB oferece a melhor condição. É essa a nossa obrigação.

O BRB não pode ter as contas do GDF simplesmente porque é o banco oficial. Ele tem de ter as contas do GDF porque oferece a melhor qualidade. É por isso. E aí entra a questão dos correspondentes. Puxa vida, nós temos nas mãos inúmeras pessoas que querem fazer parceria com o banco. O banco precisa criar as facilidades necessárias, evidentemente dentro da legalidade, para que isso aconteça. Lugares que hoje dizemos que são distantes, como Ponte Alta, perto do Gama, não tem agência do BRB. E o cidadão, o destinatário de qualquer serviço público, vai aonde? Ele é obrigado a pegar ônibus.

Temos alguém que quer ser correspondente e ficar ali. Ele quer ganhar bem pouquinho. Ninguém vai enriquecer igual os banqueiros, mas vai sobreviver. O correspondente sobrevive. Acho que não há nenhum milionário aqui. Tem que haver uma remuneração pelo serviço.

Nossa presença aqui, primeiro, é para parabenizar a Deputada Celina Leão, minha companheira de partido, minha companheira de Mesa, pela iniciativa. Segundo, é para dizer que nós estaremos junto com vocês naquilo que for necessário para que possamos prestar um serviço bancário melhor para o cidadão do Distrito Federal. E vocês podem ser, sim, os grandes parceiros.

Eu não poderia deixar de dizer aqui – a Deputada Celina Leão já se manifestou nesse sentido e em breve o fará – que eu acho importante, sim, começar essa discussão sobre o banco, essa coisa toda. Por quê? Eu ouvi aqui – é claro que coloco isso no exagero natural do calor da coisa – que o banco não pode ser prejudicado. Pessoal, aqui entre nós, banco é só instrumento. O importante é o cidadão, não é o banco. O banco é instrumento para atender necessidades.

Nessa discussão, eu quero discutir o papel dos sindicatos. Lamentavelmente, hoje nós temos um desvio de função também dos sindicatos. O que há de sindicato pelego, e é uma desgraça. A gente tem que mudar isso, este País está sendo reinventado. Hoje, ao sairmos daqui, veremos que no meio da rua as pessoas não estão admitindo o escárnio que aconteceu de ontem para hoje. É hora de rediscutir as instituições, e digo isso muito à vontade porque também já fui sindicalista.

Pessoal, a gente tem conhecimento de causa. É muito fácil incorporar aquele discurso corporativista, mas não podemos esquecer que todos nós – sindicato, banco, governo, Câmara Legislativa –, todos têm patrão. O patrão chama-se cidadão. Ora ele é apelidado de cliente, no banco. Olhem que cinismo: quando vai



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	20

para o campo tributário, a gente chama o coitado de contribuinte. Mais cínico ainda é: quando vai para a área de saúde, chama-se o coitado de paciente.

A gente tem que rediscutir tudo isso, sim, porque o verdadeiro patrão, o dono desta cidade, o dono deste País chama-se cidadão. E ele quer se reencontrar com o seu Estado. Então, é hora de rediscutir isso. Confirmando minha presença, Deputada. Na hora que V.Exa. determinar que vamos fazer uma audiência pública para rediscutir isso, estamos prontos para rediscutir.

Para finalizar, quer queiram, quer não queiram, quem representa o povo de Brasília, com todo o respeito a todas as instituições, é esta Casa, é o Deputado. Por isso nós temos liberdade de apresentar projetos, por mais estapafúrdios que sejam. Certamente eles são discutidos nesta Casa, são repudiados quando precisam ser repudiados e são aprovados quando precisam ser aprovados.

Muita gente diz que a imprensa fala a vontade do povo. Mentira! Quem fala a vontade do povo são os que foram eleitos para estar aqui representando a população. Não é imprensa, não é sindicato, não é nada disso. Somos nós. Nós fomos eleitos institucionalmente, quem fala pela população somos nós. Podemos até ouvir alguns, e ouvimos sempre. Aliás, tenho destacado que nunca vi a Câmara Legislativa tão bem frequentada pelo seu verdadeiro dono, que é o povo, como nós estamos vendo agora.

Quero me solidarizar com os correspondentes. Enquanto vocês tiverem como foco servir o cidadão do Distrito Federal, nosso mandato estará à disposição para fazer essa discussão.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Deputado Raimundo Ribeiro.

Concedo a palavra ao Deputado Wellington Luiz. Aproveito para registrar a presença do Deputado Agaciel Maia, Presidente da Comissão de Economia, Orçamento e Finanças, que também está inscrito para fazer uso da palavra. (Palmas.)

Deputado Wasny de Roure, V.Exa. fará uso da palavra logo após o Deputado Wellington Luiz. Em seguida, será o Deputado Agaciel Maia.

DEPUTADO WELLINGTON LUIZ – Sra. Presidente, se o critério for por idade, eu serei o último, porque eu sou garotão nesta Câmara Legislativa.

Obrigado, Sra. Presidente.

Em primeiro lugar, boa tarde a todos. Quero aqui cumprimentar e parabenizar pela iniciativa a nossa Presidente, que tem dado um exemplo de



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	21

independência. Nós já estamos há alguns dias aqui. Sem qualquer demérito aos que nos antecederam, realmente a gestão da Presidente tem sido marcada por isso.

Quero saudar o Secretário Adjunto de Fazenda, Sr. Wilson de Paula e dizer que nós já nos conhecemos. Quero saudar o Diretor do banco, Sr. Nilban de Melo Junior – é um prazer revê-lo Nilban; a Diretora do BRB, Sra. Kátia do Carmo Peixoto Queiroz – mais uma vez estamos juntos; o Presidente do Sindicato dos Correspondentes, Sr. Cristiano Varela de Moraes; a Secretária-Geral do Sindcorb/DF, Sra. Karolyne Guimarães; o Secretário-Geral do Sindcorb, Sr. Paulo Roberto Matos. Enfim, saúdo a todos que estão aqui; meus companheiros Deputados.

Vou dizer o seguinte: eu acho que o Governo do Distrito Federal e o próprio BRB tem de acender a luz amarela e, talvez, a vermelha, porque duas audiências públicas em menos de um ano para tratar da mesma matéria?! Eu e o Deputado Wasny de Roure já havíamos tido o cuidado de fazer isso, eu acho que em agosto do ano passado. Não foi isso? E olhe que isso é raro nesta Casa. Alguma coisa está errada ou quase tudo está errado, porque eu duvido que alguém viria aqui se as coisas, depois da audiência pública, tivessem começado a funcionar. Pelo que vejo, ocorreu o contrário, pois, pelo que me consta e que chegou até mim, – e olhe que eu sou muito espontâneo – começaram a chegar reclamações de perseguições aos correspondentes, e isso é inadmissível!

Com todo o respeito ao Cristiano, que usou a tribuna, inclusive falando coisas muito graves sobre corrupção, desvios de dinheiro – 4 milhões –, eu quero dizer uma coisa: olhe só, deixa eu dizer, você usou da palavra e eu fiquei calado. Agora eu gostaria que você também respeitasse a minha palavra.

Olha só, eu vou dizer com propriedade, pois fui um dos agentes responsáveis pela elucidação da Operação Aquarela, na qual se descobriu que eram desviados por dia mais de 2 milhões daquele banco – isso por dia. Falou-se aqui em 4 milhões. Todos os funcionários do BRB estavam roubando? Eram todos os servidores? E o que foi feito? Acabou com o banco? Foram afastados todos os servidores? Ou tiraram os corruptos? É assim que se faz.

Então, se tem uma laranja podre no meio de tantos pais de famílias, de tantos trabalhadores, que os tirem, que os mostrem, que os apresentem à minha instituição, que vamos colocá-los na cadeia. Agora, generalizar, nós não vamos admitir.

Vou falar agora com conhecimento de causa. Eu gosto de pagar as minhas contas. Eu moro ali no Park Way e, de vez em quando, eu vou a uma daquelas conveniências ali perto. Vou ao Gama, a Santa Maria, e sou muito bem atendido. Bem atendido mesmo! Não sou mais bem atendido porque, às vezes, faltam máquinas, porque foram retiradas.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	22

Eu tenho um colega em Padre Bernardo que tinha três caixas. Recentemente, eu fui até lá fazer uma visita e vi que ele só tinha dois. Eu perguntei: Mendonça, você quebrou? Ele disse: não, pelo contrário, o banco retirou os caixas quando eu estava em ascendência. E o que justifica isso? Qual é a motivação para a retirada? Se retirarem as outras duas dele – ele é servidor público aposentado, mas presta um serviço àquela comunidade –, sabe o que vai acontecer? Os moradores daquela cidade vão ficar desassistidos e vai ocorrer um outro problema, o problema de locomoção, de transporte público, que, nesta cidade, é uma porcaria. O problema vai ocorrer porque eles vão ter de sair de lá para irem a outra cidade.

O trabalho social que tanto se prega no banco está esquecido, não está sendo levado em conta. O que essas pessoas fazem hoje, com todo o respeito aos gestores do banco – eu sei que há seriedade, conheço essas pessoas, é claro que elas querem encontrar uma solução –, tem que se buscar a solução efetivamente. Tem que ouvir quem está na ponta; tem que ouvir os verdadeiros especialistas, que são as pessoas que podem achar solução, encontrar, de forma amigável, construir de forma responsável.

O que é bom para o banco é bom para os correspondentes e, melhor ainda, para a população do Distrito Federal. É isso que tem de se fazer. Agora tentar acabar com os correspondentes é destruir o sonho de pai de família, é gerar desemprego e criar um caos no Distrito Federal. Eu duvido que haja algum banco que vai conseguir atender a população se esses correspondentes fecharem as portas. (Palmas.)

Sra. Presidente, vou conceder a palavra ao companheiro Josemaria Samarco.

SR. JOSEMARIA SAMARCO – Se fôssemos hoje pedir às conveniências todas que fizessem um abaixo-assinado no Distrito Federal, das 287 conveniências, traríamos aqui uma lista, e os senhores iriam ver o que é o atendimento das conveniências nas regiões. Muito obrigado.

DEPUTADO WELLINGTON LUIZ – Olha só. Estão vendo? São informações fundamentais. Não é possível que não se tenha solução para um problema como esse, a não ser que não se tenha boa vontade. Agora, se não tiver boa vontade, como disse a nossa Presidente, como disse o nosso Deputado Raimundo Ribeiro, é obrigação desta Casa entrar na discussão – como aqui nós estamos fazendo – porque nós somos os fiscais.

Nós fomos eleitos, goste esse ou não goste aquele, para representar o povo e representar a necessidade dos menos assistidos, que são exatamente aqueles que procuram as conveniências. É para eles que os senhores trabalham, exatamente para esses. Podem ter certeza absoluta de que nós estaremos aqui fazendo isso. Eu sou homem de meias palavras, mas gosto de fiscalizar, e farei isso. Contem comigo.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	23

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Deputado Wellington Luiz.

Concedo a palavra ao Deputado Wasny de Roure.

DEPUTADO WASNY DE ROURE – Eu gostaria de cumprimentar a Presidenta, Deputada Celina Leão; o Nilban e a Kátia, pelo BRB; o Wilson, Secretário Adjunto da Secretaria de Fazenda; o Cristiano, Presidente do Sindicato; o Paulo e a Karolyne.

Quero cumprimentar os associados, meus colegas Deputados, os familiares também, que estão acompanhando, porque esse é um projeto que não é apenas do empresário, é da família. Eu vejo muitos discursos em defesa da família e, às vezes, esquecem que são nessas oportunidades que a gente tem que lembrar o papel da família.

Eu queria recuperar aqui esse debate, Deputada Celina Leão. Realmente é muito importante o que V.Exa. propôs na tarde de hoje. Um dia até, por sinal, muito difícil, mas que V.Exa. oportunizou um debate de extrema qualidade, primeiro para que o banco possa ouvir, segundo para que a sociedade possa entender e, terceiro, para que o governo também possa acordar.

Acho que aqui está faltando a Secretaria da Casa Civil. É importante que uma secretaria como essa acompanhe o que ocorre na estrutura do Estado porque, senão, o banco deixa de ser um banco público, como muito bem disse os colegas que nos antecederam.

Nós fizemos até um documento. Quem fez para mim, em nome do nosso mandato, foi o Ronaldo. Portanto, já tinha uma contribuição. A gente procurou sistematizar. Eu quero sintetizar, principalmente no que diz respeito à política dos correspondentes, um único parágrafo que tem aqui, Wellington, que diz que todos os municípios hoje no País têm correspondentes. Então, correspondentes não é um privilégio. Por sinal, o Distrito Federal não tem o maior índice de correspondentes proporcionalmente.

Deputado Agaciel Maia, desculpe-me. Eu não citei V.Exa., que é o Presidente da Comissão de Economia, Orçamento e Finanças da Casa.

Nesse documento, há vários indicadores que apontam a relevância. Somente para se ter ideia, no Estado de São Paulo, que é o maior estado e o maior indicador, em torno de 27,78% do sistema são compostos por correspondentes.

É importante destacar que a política da interiorização, da bancarização, ou seja, da chegada dos bancos, ela se deu, principalmente, pelos correspondentes e pelo que representa o custo dos correspondentes.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	24

Vou citar, por exemplo, uma outra tabela, que é a tabela do número de unidades de correspondentes aqui no Distrito Federal. Vou citar o caso do Recanto das Emas. Falou aqui a colega do Riacho Fundo. O Riacho Fundo, tanto I, quanto o II, tem oito unidades de correspondentes. O Recanto das Emas tem sete. São duas cidades que têm um contato bastante estreito, porque Riacho Fundo II fica em frente ao Recanto das Emas e não têm agência do BRB. Estou correto, Kátia? O Recanto tem? Tem uma agência. Então, o deslize é meu. Samambaia tem duas agências. Mas vejamos o tamanho da cidade. Verifiquemos, Kátia, o caso do Plano Piloto. Quantas agências nós temos no Plano Piloto? Por exemplo, Santa Maria tem? Não tem. Tem a Caixa Econômica e tem o BRB.

Então, essas instituições, que são os correspondentes, fazem o papel de internalização. Samambaia, por exemplo, é uma cidade que tem 19 unidades. Mas, o mais importante, Deputada Celina Leão, que eu quero abordar, porque a questão da redução já foi bem abordada. Acho que os colegas têm até mais legitimidade do que nós políticos de mostrar o impacto tanto do pagamento, que foi reduzido em 50% por unidade, como também da redução do número de caixas, que também foi dito aqui.

Agora, é importante destacar que todos eles – e ninguém mencionou isso – estão submetidos, como eu disse, à família: o dono sai, a mulher vai para lá, ou o filho vai para lá, ou a filha vai para lá. E o risco de vida aos quais eles estão extremamente submetidos. Eu até gostaria, Cristiano, que você, como presidente do sindicato, pudesse fazer uma enquête de quantas vezes esses correspondentes foram visitados por pessoas estranhas. O risco não é apenas de natureza econômica, há o risco de vida.

Acho que essa história – eu quero pedir o máximo de compreensão de vocês – não é apenas uma política de parceria com o banco, mas também com os próprios servidores do banco. Eu acho, Deputada Celina Leão, que a participação do Sindicato dos Bancários é da maior importância, porque, querendo ou não, são os próprios servidores do banco que atendem os correspondentes na solução dos problemas. Eles não são adversários. São contíguas suas funções. São funções diferentes. Eu entendo que essa função, em primeiro lugar, foi regulamentada pelo Banco Central. Apesar de ter iniciado no Governo Cristovam – e eu sempre lembro isso –, ninguém pode desconhecer que essa política dos correspondentes foi adotada no Brasil por uma decisão do Conselho Monetário Nacional. O Banco Central está tão envolvido quanto qualquer outro banco.

Portanto, acho que precisamos distensionar este debate. Estou vendo aqui o Jorge, que é das *vans*, que foi um dos primeiros problemas que tivemos. O banco fez uma reanálise de custo, ia reduzir substancialmente, reviu a decisão, não retornou



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	25

ao número original dos contratos dos serviços das *vans*. Inclusive hoje, por coincidência, eu me encontrei com o pessoal que trabalha nos restaurantes comunitários. Por incrível que pareça, o governo desconhece. Até sugeri ao pessoal que trabalha nos restaurantes comunitários, Deputado Agaciel, que vissem a drástica redução que havia de usuários. Antes, parece-me que, em outubro de 2014 – não sei precisar quando foi introduzida a conveniência nos restaurantes comunitários, Wellington –, foi me dito que o grau de desvio era em média de 450 mil refeições por mês. Era notório.

O Secretário Joe, que hoje é o secretário responsável pela área, naturalmente está vivendo o reflexo de um aumento de 300% na refeição, que saiu de 1 real para 3 reais. Pode parecer pouco, mas não é pouco para quem recebe um salário mínimo como renda ou até menos do que isso para sustentar a sua família. Portanto, muitos recorrem ao restaurante comunitário e têm nas correspondentes – no caso aí, se não me engano, são treze restaurantes comunitários – um apoio.

Aí fizeram investimento em *lan house*. As entidades que foram para lá foram selecionadas pelo banco, mas agora essas empresas estão se sentindo absolutamente ameaçadas. Acho que é importante destacarmos esses movimentos que o banco faz e o desencanto que ocorre. Não se trata apenas do risco, abordado por vários colegas proprietários de conveniência que estiveram aqui.

Eu quero me aprofundar no debate levantado pelo Cristiano sobre a questão do desvio. Permitam-me abrir a boca aqui. Na realidade, eu não tinha informação de 4 milhões. Eu tinha a informação, Deputado Wellington – e V.Exa. está coberto de razão –, de 3,5 milhões em função de setecentos depósitos de 2 mil reais. Aí, Cristiano, o sindicato e os proprietários de conveniências não podem pagar por um erro desse. Mas não é possível que sete mil operações de dois mil reais, que é o teto que o banco aceita, não sejam identificadas pelo banco. Corrigindo, foram feitos setecentos depósitos de cinco mil. Mesmo assim, setecentos depósitos não são dois, três, cinco, dez depósitos de cinco mil. Essa foi uma forma de burlar o controle do banco para que ele não detectasse e fizesse o depósito na conta de quem iria receber, do responsável.

Estamos tratando de uma estrutura bancária que tem uma tecnologia. Acho que mesmo quem trabalha manualmente iria desconfiar de uma pessoa que faz um depósito enorme como esse. E um depósito nesse montante, no limite do banco, não é percebido pela área de controle! Não podemos imputar a apenas um segmento a responsabilidade. Vamos ser honestos, vamos trabalhar desapaixonadamente, vamos verificar que hoje é uma realidade a conveniência. Então, já foram citados os números, não quero me prolongar.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	26

Creio que é muito oportuno, Deputada Celina, trazer este assunto para a Casa. Eu queria fazer uma proposta aqui: formatemos um grupo para dar continuidade a esta discussão, porque acredito, Deputada Celina Leão..., V.Exa. tem autoridade para conduzir uma comissão de Deputados para acompanhar e dar retorno, e formatarmos uma comissão paritária entre convenientes e Parlamentares para estabelecermos um acompanhamento junto à direção do Banco, porque a rede de conveniência, hoje, que está em torno de 285, 287 unidades, tem um papel fundamental no sistema produtivo do Distrito Federal.

Como foi muito bem relatado aqui nesse vídeo, a solução que representa para as famílias... Eu não vou apenas identificar pela qualidade do atendimento, pela facilidade que é. Hoje há problemas de congestionamento, as filas são grandes. Quantas vezes bancos recusaram que pagasse conta de água e conta de luz?

Então, tem que haver a rede de conveniência como uma forma de viabilizar... E mais: quantas vezes, nos sábados e nos feriados, a gente resolve o problema na conveniência? Perto da minha casa, por exemplo, é nela que se pode, no final de semana, operar. Há caixa de banco? Há. Mas funciona às vezes. Eu moro no Lago Norte, por exemplo, e a coisa deveria funcionar na plenitude. Mas tenho enorme dificuldade em encontrar um atendimento tão bom ali, fora do horário, fora do expediente do banco.

Então, acho que a composição de um grupo para trabalhar, para aprofundar o debate... Foi dito naquela audiência que havia tido uma fiscalização pelo Banco Central, que produziu um relatório. Não sei se é o relatório – a Sra. Kátia até chegou a me prometer – que o banco publicou no *site* dele. Se foi, eu tive acesso. Se há outro relatório mais específico, ainda não tive acesso a ele. Eu até gostaria de ter.

Conheço o Eduardo muito antes de ele trabalhar com conveniência. Eu o conheço de velhos tempos, é amigo de muitos anos. Tenho vários amigos que investiram sua vida, e eles têm que sentir que o banco, de fato, é um parceiro.

Não estou aqui para disputar quem foi esse, quem foi aquele, porque todos nós cometemos erros. Mas precisamos entender que esses parceiros merecem respeito e também que vamos ter problemas e temos que nos preparar para evitar esses problemas. Já estamos pedindo, inclusive, uma conversa com o Secretário Joe Valle, para discutirmos essa questão nos restaurantes. Não é possível desconhecer isso.

Quem fez um trabalho extremamente relevante de identificar os desvios para ter o número de vendas artificial muito acima do que é o real... Agora, a queda está se dando por outro motivo, que foi o aumento das refeições. Aí é outra questão, outro problema, mas, enfim, não se deve tributar a eles.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	27

Além da queda, hoje, o Governo do Distrito Federal está discutindo a revisão da licitação que foi feita para uma nova proposta. Não sei se vai permanecer, porque eles prorrogaram de meados de janeiro até julho.

Quero continuar acompanhando este debate. Aqui há este estudo, cuja distribuição já fizemos, e quero cumprimentar a Deputada Celina Leão. Pelo que os senhores puderam perceber, a Presidente tem a credibilidade de trazer vários Deputados para se posicionarem sobre essa matéria e sobre a necessidade de um acompanhamento.

Muito obrigado a todos.

(Assume a Presidência o Deputado Wellington Luiz.)

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Obrigado, Deputado Wasny de Roure.

Concedo a palavra ao Presidente da Comissão de Economia, Orçamento e Finanças, Deputado Agaciel Maia.

DEPUTADO AGACIEL MAIA – Bom, pessoal, boa tarde!

Inicialmente, eu gostaria de cumprimentar e parabenizar a Deputada Celina Leão pela ideia. Nós já participamos aqui desse debate em audiências públicas anteriores. Eu estive presente.

Cumprimento o Secretário Adjunto de Fazenda do DF, Sr. Wilson de Paula; o Diretor do Banco de Brasília, Sr. Nilban de Melo Junior; a Diretora do Branco de Brasília, Sra. Kátia do Carmo Peixoto Queiroz; o Presidente do Sindicato dos Correspondentes Bancários e não Bancários do Distrito Federal – SINDCORB/DF, Sr. Cristiano Varela de Moraes; a advogada do sindicato e Secretária-Geral da OAB/Taguatinga, Sra. Karolyne Guimarães, e o Secretário-Geral do Sindcorb, Sr. Paulo Roberto Matos.

Deputado Wellington Luiz, que está presidindo esta sessão, Deputado Wasny de Roure, existe um ditado em economia que diz que quem quer ser grande não pode querer ser pequeno.

Inicialmente, quero dizer e demonstrar por fatos que sempre fiz a defesa veemente da instituição BRB e dos seus servidores de carreira, por entender que o BRB é uma das poucas instituições que sobreviveram ao fechamento dos bancos estaduais e, por pouco, não foi também vendido. Sempre estive na luta pelo engrandecimento do BRB, primeiro no combate à portabilidade dos pagamentos, da importância que tem os servidores do GDF continuarem recebendo a folha de pagamento pelo BRB.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	28

Mais recentemente, fui Relator aqui... Fui à comissão, no Senado, para que fizéssemos um convênio com outros quatro estados que não têm bancos regionais ou bancos estaduais, e o Banco de Brasília pudesse ser o banco de fomento lá. Esses outros quatro estados poderiam fazer aplicações, de maneira que o BRB pudesse ser fortalecido. E isso foi aprovado. Eu fui o Relator na comissão, e Deputados Wellington Luiz e Wasny de Roure participaram comigo dessa luta. Tudo no sentido de fortalecer o Banco de Brasília.

Sempre faço essa discussão, porque um banco público tem que ter uma contrapartida social. Pelo menos de 5 a 10% ele tem que ter em uma contrapartida social.

A redução dos correspondentes vai exatamente ao contrário dessa contrapartida social, porque, além de atrofiar uma política que hoje é expansiva em qualquer banco... Tanto que há 1.400 e poucas conveniências em Brasília, e o BRB só tem duzentas e poucas. Deveria ter mil. (Palmas.)

Além de ter essa contrapartida social de não prejudicar as famílias e as pessoas que lutam e trabalham nessas conveniências, a maior, ainda, é permitir que aquela pessoa que não tem condições de se deslocar, seja por causa do trabalho, seja por causa de sua família, tenha ao alcance, ali perto da sua casa, uma conveniência para resolver os seus problemas.

Ora, Nilban, ninguém defende o BRB e o corpo de servidores mais do que eu. Os servidores daquela instituição sabem que sou um ferrenho defensor deles e do engrandecimento do banco. Mas a gente tem que ter muito cuidado com os aspectos corporativos, exagerados, porque banco é banco – o nome já diz – e precisa arrecadar. Não faz sentido, se um resiste a uma conveniência praticamente a metade do que se faz dentro de uma agência, que se reduza isso. (Palmas.). É necessário – e digo isso como servidor público, fundador de sindicato e tudo – principalmente aos sindicatos dos servidores, fazer um raciocínio mais aberto, dada a conjuntura atual em que nós vivemos. Mais do que nunca, direção e servidores do BRB, por uma questão de aspectos econômicos, têm que estar unidos. Não faz sentido fazer restrições ao crescimento ou à captação do banco num momento em que todos eles estão lutando para que haja essa expansão.

A Deputada Celina Leão tem feito um debate sobre o problema de quem está superendividado no banco, que é outro aspecto, mas o mercado – apenas de informação, fazendo aqui uma derivação do assunto que nós estamos tratando hoje aqui – têm instituições que gostariam de comprar a carteira de devedores do banco, dando o dobro do que o banco gastaria para poder cobrar desses devedores e ainda dariam um desconto praticamente da metade para que esses devedores possam quitar essas dívidas, mas, ainda na gestão anterior, foi aprovada uma resolução pela



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	29

qual esse tipo de operação não pode ser feito porque há restrição de uma resolução aprovada pelo banco junto ao Banco Central, que não permite – mesmo sendo vantajoso para os servidores do banco, para o banco financeiramente e para quem deve porque essas pessoas que estão estranguladas pelo endividamento pagariam nas melhores condições de negociação do banco, pela metade do que o banco quer cobrar deles e ainda pagariam o dobro do que o banco espera com essa carteira de devedores –, mesmo assim, o banco não pode fazer porque aprovaram uma resolução pela qual, por uma questão de proteção – de o banco ficar preocupado, e outras instituições financeiras participarem de operações dentro do banco – ainda em 2011 ou 2012, que limita o Banco de Brasília a fazer uma operação que é boa para o banco, que é boa para os devedores, mas que o banco vê como se fosse um fantasma que possa prejudica-lo.

Então, gente, o banco precisa acordar! As pessoas desta cidade, independentemente de política, de Deputado, ou de qualquer coisa, de qualquer ação política, nós não estamos questionando aqui política, nós estamos questionando aqui aspectos sociais que não se fazem como tem acontecido muito nos governos de Brasília: restrições por picuinhas pequenas. Digo isso não só no aspecto de que vocês não podem ser punidos porque alguém fala da conveniência, arranja qualquer desculpa, qualquer falha para puni-los, sendo que todos os indicadores mostram que esse nicho dos bancos é um nicho que está crescendo em todas as outras instituições. Por que o BRB quer atrofiá-las? (Palmas.)

Não faz sentido, não faz sentido! O BRB precisa entender isso com os dirigentes, que são pessoas extremamente preparadas – digo isso porque cabe a mim na comissão, junto com o Deputado Wasny de Roure, sabatar os principais diretores desse banco. O banco não pode ficar olhando mais para o umbigo a exemplo de todo o setor produtivo desta cidade. Esqueça, deixe esse negócio de política de lado. Numa cidade com um potencial desse que nós temos, temos condições. Os homens que fazem a história desta cidade, que têm compromisso com esta cidade, cujos filhos nasceram nesta cidade, cujos netos nasceram nesta cidade não podem ir para questões pessoais. Ou nós pensamos em Brasília como uma cidade para se desenvolver, para crescer, porque tem todas as variáveis para fazer isso... Eu costumo vir aqui para dizer que Brasília, o Governo do Distrito Federal é um elefante amarrado num pé de alface, e eu digo isso também para o BRB. O BRB é um banco com potencial de se desenvolver dez vezes mais do que faz hoje, mas não pode se apegar, não pode vir para esse detalhe pequeno. Não pode esquecer aspectos econômicos que, em vez de expandir, querem encurtar.

Então, Nilban, eu queria que você levasse em consideração esses aspectos. Nós temos a Comissão de Economia, Orçamento e Finanças, que tem o Professor Deputado Wasny de Roure, um dos melhores economistas do Brasil – e, por que não



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	30

dizer, um dos melhores do mundo porque tem formação inclusive fora: que traga, junto com esta Presidente, que tem feito um belo trabalho à frente desta Casa, toda essa discussão.

Precisamos abrir os olhos. Nós de Brasília precisamos abrir os olhos. As pessoas que pensam esta cidade, que têm compromisso e são preparadas têm que abrir os olhos. Não cabe mais fazer, Deputada Celina Leão, o encurtamento de temas e o atrofiamento desta cidade, porque nós sabemos que, às vezes, problema de saúde mata muita gente, mas o problema da economia mata muito mais, porque, por deficiência do poder econômico, paga-se um preço muito mais alto, seja na educação, seja no sistema penitenciário, porque, quanto mais desempregados, mais gente presa nós teremos no futuro, mais a violência vai aumentar, o custo de saúde vai aumentar também. Eu queria fazer um apelo ao banco para que visse essas variáveis.

E, por que não agregar? O presidente dos Estados Unidos diz que a primeira coisa que se tem em época de crise é criatividade e mais trabalho. Por que não agregar a essa capilarização que nós temos com o sistema de conveniência que está em todo o Distrito Federal um convênio com outras instituições financeiras? Por que não podemos agregar serviços, já que vocês estão presentes em todo o Distrito Federal, e o Na Hora está presente em algumas cidades e em outras não? Por que não agregar junto a vocês também alguns trabalhos que são feitos pelo Na Hora nas conveniências? (Palmas.)

Meus amigos, o BRB é privilegiado porque tem o controle do governo, tem o apoio praticamente de toda esta Casa, do Poder Legislativo, tem a simpatia de todos os Poderes. Agora, o banco tem que ter uma visão mais ampla. O banco tem que enxergar, tem que abrir os olhos. Porque é uma oportunidade, Nilban, de ir a uma reunião da diretoria e dizer que existe todo esse universo criativo; que uma instituição financeira que tem todo o carinho da população não precisa se prender a determinados aspectos que já são retrógrados. São coisas do passado.

Não é crítica porque eu fundei o Sindilegis. Não é crítica sindical, mas os próprios funcionários têm de saber que nós estamos de mãos dadas com eles, mas nós estamos de mãos dadas também com o banco e os correspondentes e de mãos dadas com a população.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Assume a Presidência a Deputada Celina Leão.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Obrigada, Deputado Agaciel Maia.

Concedo a palavra à Sra. Kátia do Carmo, representante do BRB.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	31

SRA. KÁTIA DO CARMO – Boa tarde.

Primeiro eu agradeço e saúdo toda a Mesa, agradeço aos presentes, porque como da outra vez em que aqui eu estive, eu disse que esclarecimento e informação é sempre bom para todo mundo. Agradeço ao Deputado Wasny de Roure a outra audiência que tivemos. Eu acho que foi muito boa.

Quanto à questão que V.Exa. pontuou, com relação ao relatório, embora a gente não possa mostrar a vocês o relatório do Banco Central, os pontos foram aqueles que conversamos aqui. Viemos ao seu gabinete e relatamos algumas coisas que eles tinham pontuado.

Deixo claro para todos daqui desta Casa que, sempre que o banco foi chamado para conversar sobre esse assunto, nós nos fizemos presentes, e vamos continuar assim. É fato, o BRB não pode prescindir do correspondente não bancário. A gente sabe disso. Por outro lado, é bom ressaltar para algumas pessoas que aqui estão e que, de repente, não têm ainda o conhecimento do que é um correspondente não bancário, que esse correspondente é regulado por uma resolução do Banco Central. Nós somos subordinados a vários órgãos fiscalizadores, o Banco Central é o primeiro, mas há vários outros, como o Ministério Público e a CVM – Comissão de Valores Mobiliários. Com relação aos correspondentes não bancários, é obrigatório que o correspondente seja o segundo negócio. Quer dizer, há que existir o primeiro.

A gente percebe algo ao longo do tempo. Vários de vocês nos procuram, reclamam, e a gente entende. Algumas coisas podemos atender; outras, não podemos, porque somos gestores de um banco público e, além de todas as obrigações que foram ditas aqui, sociais e tudo, nós temos de responder e fazer as coisas de acordo com as boas práticas. O primeiro ponto é que há que existir o primeiro negócio, e a gente percebe que vários abriram o primeiro negócio, mas só pensando no segundo, que é o correspondente.

Deputada, peço que V.Exa. entenda que, às vezes, o primeiro negócio é pequeno, em um lugar pequeno, não gera o que se espera e passa por dificuldade. Ainda mais agora que passamos por tudo o que passamos, na crise. Muitos acham que o BRB Conveniência teria de dar todo o lucro, todo o resultado, que viesse a bancar com todas as despesas. Isso que eu estou dizendo não é só para o BRB; é o Banco Central que rege todos os correspondentes não bancários. Então, tem de haver o primeiro negócio, que vai ajudar, em conjunto com o segundo, a compor uma renda. A gente percebe que muitas das dificuldades das quais vocês reclamam são causadas porque o primeiro negócio está em dificuldade.

Para o segundo negócio, que é o de correspondente não bancário, é fato que vai haver redução na demanda. Gente, nos bancos, hoje, os canais alternativos são



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	32

aprimorados. Por exemplo, o BRB não tinha o Mobile. Hoje, o BRB já tem o *mobile banking*. Então, várias pessoas que, às vezes, utilizavam o correspondente, passam a utilizar o Mobile. Consequentemente, pode ser que o número de autenticações reduza. Hoje, o banco paga pelo serviço que vocês prestam: número de autenticações, saldos, várias coisas aí embutidas. Esse é o primeiro ponto, com relação a como acontece a existência do correspondente.

O segundo é um ponto no qual eu toquei e até foi comentado na outra reunião e nos encontros – volta e meia a gente fala com o Jorge, com o Nil, que anteriormente estava à frente da ARCO – Associação Representativa dos Correspondentes do BRB. Sinalizamos, e é fato: o Ministério Público de Contas do Distrito Federal – repito: é o Ministério Público de Contas – mandou para o banco vários questionamentos sobre os correspondentes, e nós respondemos. Foi dito aqui que não se achou nenhum questionamento lá; então, por favor, é o Ministério Público de Contas do Distrito Federal. Respondemos. Porém há várias coisas que eles perguntam, e tudo que a gente respondeu foi para mostrar que o banco vem trabalhando de forma aderente ao que é exigido de nós.

Sobre a questão do controle, eu vejo que muitos de vocês às vezes acham ruim, mas foi dito aqui que a gente precisa andar de mãos dadas. Vocês que são bons correspondentes precisam disso; como o próprio Deputado disse, às vezes, há a família trabalhando. Então, vamos trabalhar juntos para que os bons continuem. No entanto acontecem alguns problemas para os quais nós, como gestores, não podemos fechar nossos olhos. O que o Cristiano disse aqui, com relação a valor retido, é fato. Nós tivemos alguns casos, mas deixo claro que não foi corrupção nem envolveu nenhum servidor do banco. Nenhum servidor do banco está envolvido nisso. Foi fraude. E fraude é uma coisa que hoje os bancos vivem. Uma boa parte dos investimentos das instituições financeiras é com relação à segurança bancária, para a gente tentar inibir o número de fraudes.

Quero deixar outra coisa clara para vocês: quando se fala em correspondente não bancário, o banco não visa lucro, porque o banco paga. Não há que se falar que o BRB está ganhando com o correspondente, não. Ganha, sim, porque ele presta serviço à sociedade. É fato que o serviço de vocês é bom. É um bom serviço mesmo. Eu diria que 98% dos correspondentes fazem nome, como se diz, realmente defendem o BRB, mostram a cara do banco e de forma bem-feita.

Na audiência do ano passado, em que aqui estive, vários de vocês reclamaram na tribuna. Disseram que o banco abriu correspondentes sem controle, que muitos de vocês tiveram a receita reduzida porque foram abertos um, dois, três postos perto de vocês. Não é verdade? Vários de vocês disseram. O banco, quando



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	33

fecha, não é por perseguição. Não é. Eu quero deixar claro que o banco não quer acabar com o conveniência. O banco precisa e não pode abrir mão desse canal.

DEPUTADO WASNY DE ROURE – Kátia, eu estou com dois grupos me aguardando, eu já tinha agendado. Mas eu não queria sair sem deixar aqui uma colocação adicional ao que você está falando. Vocês poderiam reanalisar essa questão da redução de 83 para 41?

SRA. KÁTIA DO CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Na verdade, hoje não tem, porque...

DEPUTADO WASNY DE ROURE – Sim. Eu fui um dos que foram conversar com o conselheiro Michel. Mas eu estou deixando aqui uma proposta. O banco não poderia construir uma proposta de metas, por exemplo, de número de autenticações, número de novos clientes do banco e outros serviços acessíveis ao tipo de unidade que hoje eles desenvolvem? Não seria mais pertinente do que, a título de uma economia, reduzir em 50%, tendo em vista que esse aumento de 83 estava associado a alguns benefícios dos trabalhadores? Acho que ninguém citou isso. Eu me lembro, Deputada Celina Leão, de que, quando houve esse aumento para R\$83,00 (oitenta e três reais), houve um compromisso de estabelecer o plano de saúde e algumas políticas de fortalecimento dos trabalhadores.

O que nós estamos vivenciando hoje – é isso que me preocupa em relação ao debate do sindicato dos bancários, que eu entendo que tem que ser aprofundado e não ser tratado da forma como foi colocado – é que as decisões trabalhistas que têm saído são no sentido de legitimar esse trabalhador. Vocês sabem, vocês estão acompanhando, vocês têm toda uma estrutura para isso, mas alguém já me advertia sobre essa questão.

Eu acho que a pacificação no Distrito Federal, estabelecendo metas para que eles vão atrás de clientes... Eu sei que existem correspondentes que estabelecem, por exemplo: "Vou fazer um sorteio no final do mês com todos os recolhimentos de taxas de condomínios". Alguns convenientes são próximos a vários edifícios. Eu tenho visto vários fazerem esse exercício. Não seria outra política que os estimularia?

Eu deixo isso como reflexão, me colocando à disposição, se for o caso, para participar de outros debates. Infelizmente eu estou com esse compromisso sobre a questão do IPREV – Instituto de Previdência dos Servidores do Distrito Federal e com uma organização de Samambaia.

SRA. KÁTIA DO CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Só para esclarecer um ponto: em relação à questão de meta, a gente não pode estipular para eles. Somos proibidos. Porém, o que o banco fez? A partir dessa data, criou-se um grupo de trabalho interno no banco. Aí, pensou-se em outra forma, nessa linha que o senhor



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	34

está falando, trabalharmos para que eles acrescentem receita. Assim, hoje já existem 23 correspondentes-piloto que estão trabalhando a venda de seguro, de cartão de crédito e a indicação de abertura de conta. O banco vai remunerá-los por isso que está sendo feito. Essas pessoas foram treinadas, então é um grupo piloto. Serão noventa dias. A partir daí, vamos estender para todos. Essa foi uma das formas que o banco encontrou para que eles tenham uma remuneração a mais.

DEPUTADO WASNY DE ROURE – Eu acho, Deputada Celina Leão, que é muito interessante essa negociação ocorrer, inclusive, com o próprio Tribunal de Contas, porque isso ajudaria a dar mais esclarecimentos. Acho que o equívoco, quando aumentou, foi porque não houve um envolvimento maior de outras instâncias no Distrito Federal. Creio que este momento é de fundamental importância para superarmos esse período tão desanimador que o segmento está vivendo.

SRA. KÁTIA DO CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Ok, obrigada pela contribuição do senhor.

Com relação a esse ponto de 83 reais, que é a remuneração, preparação de numerário. O banco é uma instituição financeira, temos que acompanhar o que o mercado tem. Hoje, nos correspondentes dos outros bancos – Caixa Aqui, da Caixa, e Mais BB, do Banco do Brasil –, isso não existe! Não existe preparação de numerários em outros bancos. Então, o banco tem que trabalhar de acordo com o mercado. Na época em que isso foi criado, como o Deputado muito bem disse, um dos argumentos era de que haveria seguro, plano de saúde para os participantes; para vocês, sim, pois os seus servidores não têm vínculo com o BRB, eles são seus servidores. Então, seria para que vocês assim fizessem.

Com relação ao questionamento que o TCDF – Tribunal de Contas do Distrito Federal – está nos fazendo, o Ministério Público... Por quê? Porque isso não existe, não é prática no mercado.

Vamos passar para o ponto de tarifas. Também segue a mesma linha. O banco tem que acompanhar o que o mercado faz. Hoje, o nosso limite para título é de dois mil reais. O da Caixa Econômica, hoje, é de mil, e, a partir de terça-feira, vai ser de setecentos reais. Cada título lá pago: setecentos reais. Enquanto pagamos 75 centavos – pagávamos 1 e agora 75 –, lá são 38 centavos.

Então, o que nós precisamos dizer? Hoje, quem conhece um Caixa Aqui, ou que possui algum amigo que tenha, sabe que a forma como o BRB trabalha é boa. Contudo, não podemos fazer uma coisa sem olhar o que mercado faz, sem ter os controles necessários. Por quê? O que vai acontecer? Chegará o ponto de, de repente, um dia falarem que não pode haver correspondente no banco porque não há controle. Nós queremos é aprimorar cada dia mais.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	35

Vamos deixar claro: já há um cronograma, com o Jorge, de conversa. Depois, se vocês quiserem saber mais, podem falar com o Hugo, que aqui está. O Luciano, é o superintendente dos correspondentes. O Hugo, todo mundo conhece, é o gerente da área. O Leonardo também ali está.

Então, foi estabelecido um cronograma de reunião com a Arco – Associação Representativa dos Correspondentes do BRB. A ideia é que sempre vá um grupo para discutir junto. Deputada, esse cronograma de conversa já foi definido e não foi definido a partir do convite da senhora, ele já existia. Os meninos trataram, foi uma solicitação da Arco e foi feito isso. Vai começar, está aqui, é um cronograma. São vários encontros. Vocês irão junto para poder discutir lá. Lógico que serão grupos menores, até para ficar mais fácil de resolvermos os problemas.

Outra coisa: a gente entende que o banco tem um papel social importante. E é fato, tanto que ele o exerce. Nós temos conveniência no Itapoã, onde não há banco; na Estrutural, também não há banco; no Riacho Fundo II, já foi dito aqui que lá não existe banco também, mas estamos lá; em Padre Bernardo; no Sol Nascente, também não possui, temos quatro lá. O papel social do banco, nós fazemos e fazemos bem. Contudo, não podemos confundir isso com assistencialismo. Somos uma instituição financeira pública e precisamos andar de acordo com o que esperam de nós. Hoje, o que a gente pede para o correspondente é que ele trabalhe de acordo com o contrato firmado. Então, não posso, sabendo que um correspondente não está fazendo correto, tapar os olhos e não fazer nada a respeito disso. Isso não é bom nem para vocês. Volto a dizer: acho que 98% são correspondentes perfeitos. Agora, ainda tem uns 2% que dão problema.

Estamos reduzindo, tanto é que hoje há 280 correspondentes, sendo que são oito móveis, e há os treze do restaurante comunitário, totalizando 280. Duzentos e oitenta é um número bom. Acho que muitos de vocês, com alguns que foram fechados por causa de problemas, pode até ter ajudado vocês... Na reunião passada, acho que foi até você que sinalizou que o banco cresceu indistintamente, autorizou várias aberturas e isso também estava prejudicando vocês.

Então, hoje, o que a gente quer é normatizar para que as coisas andem certinhas. E, nessas reuniões que vão acontecer, perfeito, reúnam-se com o Jorge. Estou deixando uma sugestão para que vocês conversem, vejam o cronograma das visitas e façam parte sempre lá, por quê? Porque esta é a ideia: discutir. Não estamos aqui para querer queda de braço.

Outro ponto citado pelo Deputado Ricardo Vale, ele falou que vê placas de pessoas vendendo. Quero deixar claro: é proibido venda de correspondente! Hoje, vocês que são nossos correspondentes sabem que é através de licitação. E aí não



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	36

pode ser revendido. Infelizmente, de vez em quando, ainda somos surpreendidos com alguma notícia que tem gente tentando vender. Isso não pode.

Um dos pontos que foi motivo de fechamento de alguns correspondentes foi a retenção de numerário. O que é retenção de numerário? Não repassou para o banco o dinheiro que tinha de repassar.

Então, não há nenhum fechamento que não tenha sido... Ou o cliente pediu, porque também tem havido alguns casos em que o cliente fala: “Eu não quero mais, quero fechar”. Ele pode a qualquer momento querer fechar. Agora, em relação à questão da retenção de numerário, o banco precisa e deve agir, porque ele está em descumprimento claro de cláusula contratual. Hoje, um dos problemas maiores que a gente tem e que enseja fechamento de correspondente é essa questão de retenção de numerário.

Com relação aos valores, já coloquei para vocês aqui que a gente tem trabalhado aderentemente ao mercado. No que tange a caixas, que foi citado também, quero deixar claro, como é que o banco define quantos caixas? Da mesma forma que ele define um caixa dentro da agência. É por número de autenticação. Hoje, nenhum correspondente vai ter menos que dois caixas. É o mínimo de dois, e vocês sabem disso. Agora, havia casos em que o correspondente tinha três, quatro, caixas. Pode ser que, num momento atrás, o movimento dele era maior, então, justificava ter três ou quatro. Hoje, quando a gente olha, não justifica mais. Esse movimento a gente faz também para as nossas agências, é preciso ter um número mínimo de autenticações.

Também foi dito que nós falamos que é preciso que o primeiro negócio dê lucro. Não é fato. Infelizmente, hoje estamos vendo o mercado, e não é qualquer negócio que todos os meses fica superavitário. Então, o banco não olha isso; o banco olha desempenho, prestação do correspondente, onde ele está. E, para esse número de autenticação também que eu citei, dependendo do lugar onde ele está, o banco também, às vezes, verifica, por exemplo, se dois caixas para aquele lugar onde ele está são suficientes. Quando fizemos os cálculos, gente, é fato: dezessete correspondentes receberam caixa a mais. Ninguém aqui falou nisso. Quer dizer, quando o banco fez a análise do número de caixa, quem estava com um número menor recebeu mais. A forma de fazer é uma só: número de autenticação.

O que eu peço a vocês, para não me alongar, é que olhem o banco – vocês são gestores do seu negócio – como um parceiro. Mas é preciso gerir. Nós precisamos continuar com o correspondente, por isso precisamos ter grupos bons, empresários bons, que vão cada vez mais fortalecer esse canal. Eu não posso continuar deixando ir lá quem está descumprindo o contrato. Por quê? É ruim para vocês mesmos.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	37

Há casos em que o cliente nos aciona por causa de correspondente, assim como reclama de uma agência, e tal. Então, eu não posso agir dentro da agência de uma forma, e com o correspondente de forma diferente. Eu peço a vocês: sempre que forem nos pontuar e dar sugestão nessas reuniões, vejam sempre com os olhos de crescer juntos, e não só com aquela história de era assim, sempre foi assim, o banco agia assim. O mercado exige que a gente faça alterações e acompanhe. Se antes era assim, algumas coisas não estavam funcionando; ou estavam funcionando, mas começou a dar problema.

Nós, gestores, e principalmente o GDF, que é nosso dono, não podemos deixar que o correspondente bancário esteja com o nome ruim na praça. Hoje não está, vocês mesmo disseram isso. São bem vistos, como demonstrou o vídeo que vocês passaram. E por quê? Porque nós trabalhamos juntos. O banco não está aqui para medir forças e ir contra vocês. Nós queremos ir juntos.

Com relação ao CDB, o que acontece? Esse valor de 20 mil já estava há muito tempo. De novo, o mercado, hoje, pede um valor maior. Na Caixa Econômica já é um valor maior. O banco faz assim até para proteção de vocês. Vários de vocês já usaram o CDB, quando nos pediram. Quando há a questão da retenção, isso aí também é uma garantia do banco. Em vários casos o CDB não resolve um terço da retenção que houve.

Então, de novo: vamos trabalhar juntos para que, de repente, não aconteça mais nada, nenhum problema. Futuramente, quem sabe um dia, o banco pode até ser um pouco mais maleável com a questão do CDB. Hoje, eu digo a vocês que não podemos prescindir do CDB. Temos a questão do sigilo bancário, não podemos abrir algumas informações. Os outros bancos já exigem um CDB maior do que esse. O banco está vários anos assim. Os correspondentes começaram em 2001, e desde essa data o valor praticado é de 20 mil. Ficamos vários anos assim. Se atualizou agora, é porque realmente precisava.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Pessoal, eu não posso devolver a palavra novamente para vocês, senão não vamos sair daqui. Estamos numa audiência pública, há inscrições. Estou deixando democraticamente todo mundo falar. Vou pedir para resumir em um minuto a fala de vocês, senão a gente não vai sair daqui. Se cada um que fala uma coisa, o outro não concordar e quiser falar... O presidente do sindicato está inscrito e ainda não falou.

Concedo a palavra ao Sr. Eduardo Fernandes.

SR. EDUARDO FERNANDES – Dra. Kátia, estamos retroagindo no tempo. Esse negócio de se adequar ao mercado é o seguinte: o Bacen diz que o limite para pagamento é de 10 mil reais. Esse negócio de se adequar ao mercado, como Caixa



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	38

Econômica e outros bancos parecidos, nenhum banco hoje tem um investimento que o BRB tem em blindagem e outras coisas mais.

A questão da fraude, não é por causa de 5 mil, de 10 mil, que nós vamos conseguir evitar a fraude. Nós pegamos boleto de BRB fraudado, esses dias na conveniência, na boca do caixa, de R\$ 387,00 (trezentos e oitenta e sete reais). Quando o cara nasce para fraudar, ele não vai se preocupar em fraudar um boleto de 5 mil, ou de 300 reais. Essa é a primeira coisa.

Em segundo lugar, eu quero dizer o seguinte: em uma conveniência tramitam, do dia 20 ao dia 30, setecentos boletos de cinco mil reais. A senhora vai me desculpar, mas vou dizer o seguinte: como a pessoa consegue fazer um trâmite desse dentro de uma conveniência? A pessoa está do outro lado da linha e está vendo o cara passar tantos boletos. Ele não consegue bloquear a conveniência e mandar pessoas lá na mesma hora, para investigar o que está acontecendo. Eu digo o seguinte: é muita coincidência conseguir tramitar dentro de uma conveniência oitocentos boletos, setecentos boletos de cinco mil reais. Essa é uma questão de gestão. Nós não podemos pagar pelo fato, nessa questão de gestão.

Outra questão. Quando a senhora fala sobre os R\$ 83,00 (oitenta e três reais), continuo dizendo para a senhora: não existe esse adendo no Ministério Público em relação ao banco. Nós estivemos lá, o Ministério Público foi provocado pelo Sindicato dos Bancários.

Sra. Presidente, gosto muito da pessoa do Daniel dentro da SUCOR – Superintendência de Correspondentes Não Bancários. Mas ele é um sindicalista que trabalha hoje dentro de uma instituição que trabalha com as conveniências. A pessoa que está lá dentro sabe todo o trâmite. Imaginem um sindicalista trabalhando num lugar onde ele vê os serviços terceirizados. Ele não vai concordar com isso nunca. Daniel é uma pessoa excelente, gosto muito dele, mas é um dos diretores do sindicato. Eu ficaria constrangido nessa questão. É o mesmo que pegar o sindicalista e colocá-lo para trabalhar na conveniência. Para ele poder se explicar, é meio difícil.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Muito obrigada.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Eu não vou deixar acontecer isso, senão vai virar guerra de torcida. Vamos terminar. Concedo um minuto para resposta.

SRA. KÁTIA DO CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Deputada, eu queria só responder.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	39

Eduardo, estou afirmando para você que nós respondemos a dois questionamentos do Ministério Público. Estou afirmando. Inclusive, o Deputado Wasny de Roure viu e sabe qual é o documento. Então, isso existe mesmo e foi questionado. Não íamos responder a uma coisa, se não existisse a demanda. Existe, é ponto. Não estou dizendo que lá esteja escrito que tudo que a conveniência faz é errado. Não. Foram esclarecimentos que nós prestamos e vamos esperar se vão questionar mais alguma coisa. Nós vamos aguardar, estamos esperando.

Com relação ao que eu disse sobre mercado, em tudo que é feito hoje no banco, não se olha só a questão de mercado. Olhamos o que está acontecendo, o que precisa ocorrer, e estamos fazendo os controles. Sobre o que você disse, eu não posso falar como a coisa aconteceu, até porque é sigilo bancário. Da forma como foi feita, não é só isso que você está sinalizando, não. Infelizmente, quando a pessoa quer fazer, como você disse, faz mesmo. Porém, é fato: quanto mais alto for o limite, é normal, todo mundo que trabalha com segurança, seja ela qual for, sabe que isso dá margem para quem quiser fazer de forma errada, assim o faça.

Quando eu falo que hoje o banco conveniência atende de forma mais forte os menos assistidos – e precisamos fazer isso –, quando digo que eu pago por título dois mil reais, venhamos e convenhamos, não é qualquer pessoa que tem e paga título de três, dez, cinco, oitenta mil. Quando o banco fez esse ponto de corte, vou deixar claro aqui, não fizemos porque quisemos, pura e simplesmente. Foi feita uma estatística. Se vocês quiserem saber, a gente sinaliza na primeira reunião que tivermos, o Hugo vai levar e vai mostrar nossa estatística.

Quanto aos títulos e o ponto de corte, nós vimos que hoje, dos valores que vocês recebem, 98% dos títulos recebidos no BRB Conveniência são de até dois mil reais, 98%. Hugo vai mostrar a vocês a estatística, isso não foi invenção da nossa parte. O que nós não estamos fazendo, que era esse dois, até o cinco, e antes o dez, são 2%. Isso quer dizer que, para o nosso público, para quem usa o Conveniência, nós estamos atendendo de uma forma excelente. Eu até entendo que, dependendo do lugar onde você esteja, por exemplo, quem está no miolo, no Plano Piloto e trabalha com empresas de grande porte, autentica malote, pode ser que neste momento tenha sido um pouco afetado. O Luciano e o Hugo receberam alguns correspondentes excelentes e sinalizaram. Eu tinha o trabalho de receber malote e agora estou com dificuldades porque eu recebia títulos acima, mas esses são muito poucos. No geral – todos vocês sabem disso –, a maioria dos títulos que vocês recebem são abaixo de R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Então, o banco não fez porque quis, ele viu as estatísticas e tomou uma decisão baseada no que vimos, que era um ponto de corte e que iria atender bastante o nosso cliente.

Muito obrigado.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	40

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Não vou conceder mais a palavra, senão não vamos mais sair daqui. O objetivo da audiência pública não é debater, é um momento em que as pessoas se inscrevem, a Mesa fala e chegamos a um consenso final. Temos que levar isso com maturidade.

Concedo a palavra, por um minuto, ao Sr. Antônio Eustáquio porque foi citado nominalmente.

SR. ANTÔNIO EUSTÁQUIO – Boa tarde a todas e a todos. Meu nome é Antônio Eustáquio. Sou dirigente do Sindicato dos Bancários de Brasília e sou funcionário do Banco de Brasília há quase 27 anos.

Em primeiro lugar, a Diretora Kátia, do BRB, disse que existe uma peculiaridade nas conveniências do BRB, o fato de se pagar esse valor de R\$ 83,00 (oitenta e três reais), que foi reduzido e depois voltou a ser de R\$ 83,00 (oitenta e três reais) para ser provido aos trabalhadores das Conveniências benefícios que, até onde eu saiba, ainda não existem.

(Manifestações da galeria.)

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Pessoal, eu gostaria que a questão de ordem...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO – Ninguém está brincando aqui não, Eustáquio.

SR. ANTÔNIO EUSTÁQUIO – Eu também não estou aqui brincando. Nós somos de um movimento sindical, somos filiados à CUT. Sei que diversas pessoas aqui podem não gostar, mas o nosso norte....

(Manifestações da galeria.)

SR. ANTÔNIO EUSTÁQUIO – o nosso norte prioritário é a defesa da classe trabalhadora, mas, infelizmente, há sindicatos neste país que não defendem os trabalhadores. Agora, a fala do companheiro Eduardo deixou transparecer que um companheiro que trabalha na área relacionada com Conveniências do BRB seria afetado por ser dirigente sindical. O que isso deixa transparecer? Olha, eu sou especialista em análise de discurso, e o que posso depreender desse discurso é que o companheiro tem medo de ter um sindicalista na área, porque talvez acredite que o sindicalista seja rigoroso. Certamente é esse tipo de temor que perpassa o discurso que o Sr. Eduardo fez aqui nesta Casa.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Muito obrigada.

Concedo a palavra ao Presidente do Sindcorb, Cristiano Varela de Moraes.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	41

SR. CRISTIANO VARELA DE MORAIS – Boa noite. Sr. Eduardo, pode deixar que agora vamos escutar. Primeiramente, eu gostaria de agradecer a dádiva de Deus, a oportunidade que Deus está nos dando para explanar e mostrar aqui todas as nossas situações.

Eu acho muito lindo o discurso de pessoas que não conhecem a verdadeira realidade em que vivemos no dia a dia, realidade que expõe nossas famílias a um perigo total.

Posso citar aqui, rapidamente, um testemunho. Estamos há 121 dias correndo atrás da verdade e temos nos deparado com várias coisas. Eu acho que se eu fosse testemunhar tudo o que acontece comigo, com o Eduardo e com alguns companheiros no dia a dia, caberia em uns três livros. Mas eu vou citar uma: nós estávamos no Tribunal de Contas quando um amigo nosso, o Eduardo, recebeu a notícia de que adentraram a loja dele, Presidente, tentaram assaltar e deram um tiro lá dentro, que podia ter pego em um cliente. Quer que eu fale mais? O banco nunca se preocupou em saber se tinha pegado em alguém, machucado alguém. A única coisa que eles querem saber quando ligam é: "Tinha quanto no seu terminal?" Isso eu estou falando não é para fazer demagogia ou espetáculo, não. É verdade. Nunca ninguém se preocupou se o dono da conveniência ou funcionário da conveniência tinha sido machucado.

É engraçado fazer discursos de números, não é? A gente está falando aqui em mais do que números, Sindicato dos Bancários, porque, na agência, vocês também podem sofrer isso no dia a dia, como sequestros relâmpagos. Nós estamos defendendo aqui não é banco, é sobrevivência. Então, vamos parar de puxar para o particular e achar que as conveniências são inimigas do servidor do banco. Jamais! Jamais! A gente está aqui buscando uma parceria verdadeira. Agora, nós não queremos sair daqui fracassados. Várias vezes, em audiências, em reuniões, em grupos de trabalho, o banco quer instituir o que a gente tem que apresentar para o banco. Que grupo de trabalho é esse? Para ele excluir lá, dizer o que o banco quer escutar?

Grupo de trabalho, para mim, é aquele que desenvolve um trabalho para o bem comum, que não é unilateral, mas coletivo. É isso que é um grupo de trabalho que tem que ser desenvolvido, e não a gente ter que aceitar tudo o que o banco vem impondo. Gente, é uma parceria. Ninguém foi chamado aqui para ser servidor do banco. Nós somos chamados aqui para uma parceria, com a qual nós ganharíamos dinheiro. É uma realidade. Nós somos empresários, vivemos disso. Agora, nessa altura do campeonato, começam a mudar a regra do jogo? É isso que é difícil. Ouviu, Dra. Kátia?



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	42

Às vezes, a gente fala de governos e governos, mas a gente não queria nem fazer a tratativa de governo, porque o banco é único. O que nós queríamos trazer para a realidade é o dia a dia nosso.

Toda sexta-feira é incrível! A gente abre os nossos *e-mails* e é uma surpresa. Primeiro, corte de 83 para 41. Antes disso, só voltando, o banco diz que não trabalha com metas. Não é? Eu queria que a Kátia respondesse por que o banco hoje faz 4800 autenticações para deixar um caixa nessas lojas. É meta! Eu não vejo outra coisa senão meta! Só me fala: é meta ou não é? Poxa, por favor! O banco não está preocupado com a coisa lógica do social: "Olha, tem fila. Olha, tem que dar mais atenção." Não. Se fosse isso, eu concordaria. Ouviu, doutora? Mas não é isso o que acontece na prática. São 4800 autenticações. Se você não tiver, você perde seu terminal. Se eu estiver falando alguma mentira aqui, gente, podem me crucificar. Fora isso, depois da retirada dos caixas, vieram várias reduções. Aí, tiraram os terminais. A gente achou que era por isso. Houve aquela audiência pública. A Dra. Kátia esteve presente. Infelizmente, eu não estava presente, mas tive acesso às notas taquigráficas daqui da Casa. Ela assumiu que só ia ficar pelos terminais e que não haveria mais cortes, que esse era o único corte que o banco estava fazendo para se adequar ao mercado. Aí, todo dia havia um *e-mail* diferente de adequação de mercado.

Eu queria aproveitar também para dizer que a gente formulou uma pauta de reivindicação. A gente abriu essa pauta de reivindicação – Carlos, você pode passar à Mesa a pauta das nossas reivindicações? A nossa pauta de reivindicações, Kátia, não é nada mais do que a que a gente tinha. Eu acho que tem que se manter, porque, se o espelho do negócio estivesse dando errado, degradingando, eu acho que seria aceitável a gente começar a fazer cortes. Mas como é que se começa a fazer um corte de algo quando fomos chamados para um grupo de trabalho e lá nos pediram que desenvolvêssemos um projeto ou achássemos uma fórmula para economizarmos? Nós apresentamos isso ao banco e imaginávamos que estávamos errados, porque recebemos até uma resposta da própria Deputada na época em que entregou essa proposta ao Presidente do Banco, o Vasco.

Eu queria muito que ele estivesse aqui, pois eu queria ter a honra de lhe falar isso tudo, porque eu acho que ele tem de sentir. Eu acho que é difícil as pessoas falarem quando elas não estão na pele do empresário, que tem os seus impostos a pagar, a sua loja a manter. E nós geramos empregos, geramos impostos. O que mais o governo quer hoje é captar impostos. Hoje, uma loja paga, pelo menos, em torno de 2 a 4 mil reais de impostos, Deputado. Imagine isso numa dimensão de 287 lojas, secretário. É até um exercício para saber se hoje... Aí falam que não querem fechar as conveniências.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	43

Se a regra que está no jogo hoje acontecer, Kátia, infelizmente não será você que vai fechar, somos nós que vamos devolver. (Palmas.)

Sra. Presidente, Deputada Celina Leão, desculpe-me por tomar tanto tempo. Era tanta coisa que eu anotei ali que, se eu fosse falar tudo, passaríamos aqui até a meia noite e eu não conseguiria terminar. Porque eu acho que tem de ser transparente. O nosso jogo tem de ser jogado realmente. Não adianta aqui a gente fazer discurso bonito. Nós precisamos, Deputada, sair daqui com uma real situação das nossas reivindicações, algo que nós precisamos. Não adianta chegarmos aqui, todo mundo falar e não sair nada, não sair uma pauta, não sair algo de concreto. E, amanhã, Deputado, sabe o que acontece? Começam os *e-mails*. Aí é porrada. Vou te falar: depois que a gente entrou no Tribunal de Contas, de janeiro para cá, é só pancada nos donos de conveniência. Eu tenho certeza – e está no depoimento de todos os colegas aqui – que a maioria, Deputada, já está começando a demitir pessoas com medo da próxima retaliação.

Kátia, só mais uma coisa: o sindicato, se houver qualquer tipo de conversa, tem muita legitimidade para participar de todos os pontos que forem discutidos em relação aos BRBs Conveniências. Queremos muito participar das discussões. Eu acho que é produtivo.

Primeira pauta: manutenção da remuneração. Quando a gente fala de manutenção da remuneração dos 83, é porque existe uma discussão judicial. Eu acho que a gente tinha de esperar o julgamento do mérito para a gente poder voltar a falar, mas a gente colocou porque a gente tem carinho em poder trabalhar satisfeito. Não adianta ninguém trabalhar insatisfeito. Eu acho que a pessoa tem de dar um bom dia, uma boa tarde. Você vê uma máquina eletrônica a que o cara vai e saca, e ninguém dá uma boa tarde, um bom dia, e estão sendo remunerados quase 150% a mais.

Correção da tabela de remuneração, congelada há mais de quatro anos sem revisão. Temos quatro anos. Fala-se de 83 hoje, mas, Deputada, salário do nosso caixa aumenta, imposto aumenta, aluguel aumenta, água aumenta, luz, nem pensar como aumentou, e a gente nunca teve uma atualização das nossas tabelas.

Retorno do limite de pagamento de títulos de 10 mil. Eu vi que você falou Kátia. Eu queria muito que o banco pensasse de forma diferente, pensasse que todos nós aqui somos hoje os facilitadores dos empresários locais. E 10 mil reais hoje... Qualquer compra que a pessoa vá fazer de uma remessa de caixas de leite ou para o seu supermercado não é menos que 7 ou 8 mil reais. Então, a gente pede ao banco que analise, pense, porque, quando você começa a restringir quem tem de usar a conveniência, então a conveniência perde o sentido de existir.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	44

Manutenção da remuneração a título pago de 1 real. Se uma autenticação de dados bancários numa agência custa R\$4,58, como é que não temos condições de manter, se nosso custo operacional é de R\$1,38?

Incluindo o contrato, o reembolso... Kátia, a manutenção da aplicação do CDB de 20 mil a 50 mil, eu acho que o banco tem que rever. Nós estamos vivendo uma crise. Não tem condições, Presidente da Casa, de a gente pegar cinquenta mil reais. Ninguém tem, gente. E o banco, como o amigo Paulo falou, não está fazendo empréstimo para as conveniências. Então, não tem condições de a gente pegar mais 30 mil para aplicar. E, outra coisa, aplicar em algo inseguro. Você não sabe a realidade do dia de amanhã.

Inclusão do carro-forte e reembolso do carro-forte. Inclusão do contrato do carro-forte e reembolso, Kátia, é porque o nosso medo maior agora é que todos os atrativos significam que todo dia é uma nova história. Então, queríamos que essa conquista que ganhamos do carro-forte fosse escrita em contrato, porque aí não precisa ser um jogo jogado, é um jogo aberto, por sabermos que estamos protegidos, e não precisamos questionar pelos meios legais. Ajuda a gente, coloca o carro-forte no contrato.

Incluir no contrato também o pagamento do seguro de valores. Para todos nós lojistas, é um valor que pagamos de um dinheiro que não é nosso. Não é verdade? Nós pagamos um seguro que... Se o cara for a sua loja, tocar fogo ou dar um tiro no cliente, a responsabilidade civil ou criminal é sua. O seguro não cobre. Ele só cobre o dinheiro que está no seu terminal ou no seu cofre. Então, nada mais justo, porque é um dinheiro que não é nosso, só o guardamos para ser enviado no final do dia.

Retorno dos caixas retirados das conveniências. Clemência, Kátia. Vou te falar. O nosso atendimento não está com boa qualidade porque nós estamos deixando fazer fila. As pessoas têm reclamado. Devolve os caixas para a gente. Nós precisamos dos nossos caixas, para conseguirmos e continuarmos dando um bom atendimento à população de Brasília e do Entorno.

Garantia de transferência de nossas lojas para outras localidades em caso de fechamento por baixa rentabilidade. Eu acho que é uma boa para o banco. Às vezes, está abaixo da média que vocês colocam. Vamos fazer um mapeamento juntos para que possamos encontrar um local onde as conveniências ainda não conseguiram chegar à população de Brasília. Há um déficit muito grande no atendimento. Nós sabemos disso. São 287 lojas para 6 milhões de habitantes. Precisamos rever isso. Em vez de fechar a loja, vamos pegar com carinho e dar oportunidade para que aquele lojista possa transferir o negócio dele para outra localidade sem precisar ter



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	45

prejuízo. Vou te falar uma coisa: as nossas blindagens só servem para o BRB. Se não for para o BRB, é para sucata.

Alteração num prazo de vigência do contrato entre o correspondente e o banco para vinte anos. Vou te falar: essa é uma bandeira que nós vamos defender muito, porque o investimento é muito alto e nós precisamos muito de uma garantia igual às que as lotéricas tiveram. Hoje os contratos das lotéricas são de vinte anos, renováveis por mais vinte anos. Eu acho que é uma boa, é um bom espelho, porque o BRB tem bons parceiros.

A gente queria isto aqui, pois é uma forma de a gente criar um diálogo permanente com o banco: a criação de um conselho permanente na Geaco com participação dos membros dos sindicatos, associações, superintendências e, como na Geaco há gerência, a gerência da Geaco também. Mas que isso seja permanente, publicado no Diário Oficial, para que não haja mudança do grupo formado, e que esse grupo possa gerar também atas de reunião em que sejam deliberadas as coisas, porque eu acho que nada melhor do que o que está escrito.

Amigos e companheiros, eu acho que aqui hoje acontece um marco na nossa história de conveniência. Podem ter certeza de que eu tenho convicção de que a ideia do banco de nos perseguir mudou hoje. Hoje nós mostramos e colocamos nossas caras. No passado, se fôssemos fazer qualquer tipo de reivindicação, nossas lojas eram penalizadas.

Eu posso garantir para vocês: podem até fechar por definitivo a minha loja, mas nunca calarão minha boca.

PRESIDENTE (DEPUTADA CELINA LEÃO) – Pessoal, eu irei passar a palavra ao Nilban para ele encerrar, porque eu tenho de ir a uma inauguração. Estamos criando a Câmara Cultural. Toda semana temos a possibilidade de ter aqui várias exposições. Eu acho que essa questão da cultura é muito importante. Três embaixadores estão me aguardando para fazer a abertura.

Eu queria fazer as minhas considerações finais. Quando pegamos a pauta de reivindicação do sindicato... É algo tão simples quando temos vontade política de resolver. Quem dera se todas as demandas da Câmara Legislativa tivessem uma facilidade de solução. Por quê? Porque aqui ninguém está pedindo algo que é impossível. Entendemos que tem algumas pautas aqui para as quais podem ser criado um cronograma e um grupo de trabalho. E é esse entendimento, Nilban, que gostaríamos de fazer com vocês.

Reconheço que, todas as vezes que pedi audiência para o BRB, eu fui muito bem atendida. E aqui, em nome do Nilban, quero agradecer ao Presidente Vasco a receptividade de, muitas vezes, marcar no mesmo dia para me atender. Agradeço à



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	46

Kátia. Reconheço e agradeço a presteza do banco em atender. Mas o simples fato de atender e de não perceber a amplitude da questão que nós estamos colocando aqui é muito importante. Talvez, quando juntamos as pessoas para cada um colocar seu depoimento pessoal, conseguimos sensibilizar a amplitude de se atender e de se atingir.

Nilban, talvez os técnicos que estão lá atrás das cadeiras nos bancos, que estão fazendo as contas não têm a visão que quem está na ponta, como a classe política, tem. Eu vou dar um exemplo para você do que eu estou falando. Quando o Governador Rodrigo Rollemberg quis fazer economia e escolheu o restaurante comunitário, eu falei para S.Exa. que S.Exa. estava errado e iria errar, porque aquele corte não era o corte que aquela instituição deveria fazer. Porque cortar onde é sentido, onde tem capilaridade é um corte ineficiente, porque, além de não resolver o problema da economia do governo – porque eram 24 milhões num orçamento de 36 bilhões –, ainda criou uma dificuldade com a classe que mais precisava. Porque aquele programa, para mim, é um programa de segurança alimentar, é um programa muito importante.

Então, é nesse aspecto, Kátia, que eu gostaria de fazer esse pedido. Se formos levar para o simples ponto: “Não, o banco mandou cortar 20% e nós estamos cortando. Nós fizemos um corte linear e nós vamos cortar”... É engraçado quando eu percebo as falas... Às vezes, eu estou mexendo no telefone aqui, e as pessoas falam que não estou prestando atenção. Mulher tem dessas coisas, mas prestamos atenção. Eu ouvi todas as falas aqui ao responder no Twitter, porque o Brasil está pegando fogo e eu trabalhei muito para esse momento que está acontecendo no Brasil, graças a Deus, para que as instituições sejam verdadeiramente livres. Mas eu vejo, às vezes, alguns argumentos dicotômicos. Por exemplo: o CDB tem que aumentar porque a inflação aumentou, porque tudo tem que aumentar. O CDB tem que aumentar, mas a taxa de remuneração tem que diminuir. Ora, é dicotômico.

Então, eu gostaria que tentássemos ponderar isso, porque a mão do Estado é uma mão muito forte, a mão do Executivo é uma mão muito forte. O Poder Legislativo traz, muitas vezes, aquela sensibilidade de fazer a reflexão: quanto será que, na ponta do lápis, daria a economia dos 83 reais por dia das conveniências? Um milhão por ano? Sei lá, não sei, não tenho essa conta na ponta do lápis. Mas, se fôssemos fazer dentro do balanço financeiro do BRB, isso seria pequeno demais, pequeno perto do trabalho hoje que é feito pelos BRBs Conveniências. Seriam 15 milhões por ano. Ora, se formos pegar o que o banco investe... E tem que investir mesmo em outras áreas. Nas áreas culturais, tem que ser investido mesmo. Então, eu acho que é um investimento social, sim. E não estou falando de filantropia, estou



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	47

falando do investimento social ao se colocar o banco onde as pessoas que são clientes do banco podem buscá-lo.

E eu, como servidora pública da Câmara, tenho conta no banco e quero agência em todos os lugares. Nós não temos condição nem perna para isso, não temos condição para isso. Então, acho que o foco principal tem que ser o cidadão, como disse o Deputado Raimundo Ribeiro aqui.

Eu gostaria de fazer um apelo para que criássemos um grupo de trabalho, mas não chegássemos lá armados, achando que não há o que fazer, senão nem vamos fazer grupo. Aí, a Câmara usa os instrumentos que tem, que são legítimos, legais, para usar o poder que ela tem. (Palmas.) Agora, eu gostaria muito de discutir isso num grupo de trabalho em que todos nós – acho que é importante a participação de todos – entrássemos desarmados. Eu sei que há coisas aqui que vocês pediram que não temos condição de lhes dar, que o banco não tem condição de lhes dar neste momento. Vocês fizeram uma pauta de reivindicação, mas eu acho que perder o que vocês já conseguiram, o que vocês avançaram é algo ruim no momento que estamos vivendo.

Então, faça este apelo ao Nilban e à Kátia: criemos um grupo de trabalho, mas um grupo de trabalho que queira ceder em alguma coisa. Porque, se começarmos um grupo de trabalho, você colocar seu ponto de vista, eu colocar o meu e não quisermos fazer nada daquilo, não precisa haver esse grupo. Vamos perder o tempo dos servidores que estão aqui, dos familiares que estão aqui. Então, eu gostaria de fazer esse pedido final para que o Nilban, que tem essa figura de articulador político, de ouvir a classe política, de ouvir vocês com um pouco mais de sensibilidade... Entendemos que a parte técnica tem que falar, tem que ser ouvida, o argumento tem que ser relevado. Tenho participado das reuniões com vocês. Acho que, por exemplo, um item que está aqui, Kátia, o retorno de pagamento de títulos para 10 mil reais, possibilita um giro maior para eles. “Pôxa, 10 mil não dá”. Mas que número dá? Vamos abrir o diálogo, vamos abrir a negociação. É 5 mil? Vamos começar com 5 mil, vamos fazer um teste. Se ficarmos no não pelo não, haverá esse tipo de sentimento, Kátia, que talvez alguns correspondentes estão tendo. Acredito que não é verdadeiro esse sentimento, pois conheço você, conheço a capacidade técnica de trabalho, como mulher, como uma profissional. Sei da sua preocupação, como servidora efetiva do banco, com a saúde financeira da instituição. Sei que existe isso também. Podemos muito bem alinhar as coisas.

Quais são as metas que este grupo que está aqui pode bater? “Não, a gente não pode criar metas para vocês”. Mas nós podemos fazer uma lei distrital para criar metas se essa for a dificuldade. Nós podemos criar metas para que este grupo aqui dê lucro para o banco. Sou administradora por formação. Acho que temos que pegar



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	48

as grandes crises que temos e transformá-las em oportunidades. Como fazer desse grupo que está na rua, que quer trabalhar, que quer se manter e que, nesta crise que o Brasil vive, precisa trabalhar parceiros que possam dar dinheiro para o banco, possam fazer com que aquele banco realmente dê cada vez mais lucro, abra as contas? Demos várias opiniões nos nossos últimos encontros. Acho que essa visão é que precisa ser mudada. Temos que nos alinhar e nos aliar.

Nesse sentido, como Presidente da Câmara Legislativa, quero falar que gostaríamos de fazer um grupo de trabalho – a Kátia, parece-me, já disse até os dias em que poderia participar de tudo isso –, mas que entrássemos nele desarmados, prontos para fazer uma composição. “Ah, vamos atender a Deputada Celina porque ela é Presidente.” Isso é irrelevante. Eu não preciso ser atendida porque sou Presidente se vocês já tiverem a posição de que não vão fazer. Eu nem quero ser atendida se não for para construirmos. (Palmas.)

Quero aqui agradecer a presença da Kátia, do Nilban. Estamos tendo a oportunidade de discutir outras coisas sobre a questão dos superendividados. Todas as vezes em que fui ao banco, tenho que reconhecer esse pronto atendimento. Quanto a essa oportunidade de estar aqui, eles vieram democraticamente. Podiam nem ter vindo, mas vieram prestigiar a audiência, enfrentaram a dificuldade de ter posições contrárias. Acho que, de tudo isso, pode sair algo muito positivo. E é este pedido, Nilban, que lhe faço esta noite: vamos abrir o diálogo verdadeiramente para falarmos com franqueza em que ponto cada um de nós pode ceder. E nós podemos ceder, sim.

Quanto às dificuldades do banco, com certeza, as pessoas que estão aqui são as primeiras que não querem que o banco quebre, porque, se o banco quebrar, eles quebram junto, eles são o banco, são o próprio banco. Dentro dessa visão, eu quero agradecer a cada um de vocês, ao Cristiano, a toda Mesa; eu quero agradecer ao Secretário-Adjunto, amigo querido; ao Deputado Wellington Luiz, que passará a palavra ao Sr. Nilban, que fará o encerramento oficial; agradeço à Kátia também, ao Paulo e vocês que estão na expectativa de esta audiência pública dar frutos verdadeiros, e essa é também minha expectativa.

Depois, se vocês quiserem conhecer, nós estamos tendo aqui o lançamento de uma exposição da Tunísia. O Embaixador da Tunísia está aqui à direita. Salva de palmas para ele. Todos vocês, depois do encerramento, estão convidados para também conhecerem essa exposição cultural. (Palmas.)

Muito obrigada. (Palmas.)

(Assume a Presidência o Deputado Wellington Luiz.)



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	49

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Eu quero saudar o Sr. Embaixador da Tunísia e saudar meus amigos policiais que ali estão. Daqui a pouco, vamos nos reunir. A Presidente vai rapidamente abrir a solenidade. Depois, o Sr. Nilban vai falar, e eu vou encerrar os trabalhos. Saúdo também o meu amigo Todi Moreno, que está aqui, meu abraço. Passarei a palavra ao nosso Presidente do Banco para, logo depois, encerrarmos a sessão.

Concedo a palavra ao Diretor do Banco de Brasília, Sr. Nilban de Melo Júnior.

SR. NILBAN DE MELO JÚNIOR – Boa noite a todos os presentes; boa noite, Deputado Wellington Luiz, que está presidindo, neste momento, a Mesa. Eu quero cumprimentar todos os integrantes da Mesa, nossos colegas do BRB na pessoa do Luciano, nossos colegas do Sindicato dos Bancários, nossos colegas do Sindicato dos Correspondentes, e dizer que fui incumbido de fazer o encerramento, mas eu não poderia deixar de fazer alguns registros aqui que julgo extremamente importantes por tudo aquilo que foi dito.

Não há dúvida de que o BRB é o banco da nossa cidade, é o banco público, é o banco da nossa cidade, um banco que tem compromisso com o desenvolvimento e com o fomento da nossa região. Ele foi criado com esse objetivo. Ele é dirigido hoje na pessoa do nosso presidente. Pela primeira vez, nós temos um presidente que é servidor de carreira, uma pessoa íntegra, que tem 25 anos de banco e tem um compromisso enorme não só com a perpetuidade do banco como por Brasília, por todas as questões sociais de Brasília.

Eu fiquei assustado quando vi algumas faixas aqui dizendo “Pacote de Maldades”. Eu fiquei surpreso porque o BRB é um banco que está sempre aberto ao diálogo. Nunca, nunca foi pedida uma audiência com o BRB que não tenha sido atendida. Nunca. Nós temos aqui uma área específica – o Hugo está aqui, que é o gerente de correspondentes. Nós temos aqui uma superintendência que é dedicada a isso. Já fizemos, nesse ano de 2015, cinco reuniões com correspondentes. Em 2016, nós já estamos aqui numa audiência, acho que tivemos uma reunião só.

Eu julgo que a gente tem que fazer algumas correções. O BRB não quer, em hipótese nenhuma, nunca cogitou eliminar, extirpar, acabar com a parceria, acabar com o correspondente. Não, nós temos a exata noção da importância de todos vocês para o Distrito Federal. Nós temos essa consciência de que hoje nós não conseguimos mais rodar o nosso trabalho com a qualidade que tem hoje o BRB sem vocês. Isso é ponto pacífico. A questão é que o Brasil enfrenta problemas econômicos graves. Eu não vou me alongar na questão do desemprego, atividade econômica. Eu não vou me alongar nisso, todo mundo já sabe bem isso.

A Kátia domina muito bem a área e é uma servidora de carreira também, diga-se de passagem, em que pese jovem, tem mais de 25 anos de banco, com uma



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	50

dedicação imensa a esse banco. Não mede esforços para buscar alternativas de modo a equilibrar essa relação. Está certo, ninguém é culpado por esta crise econômica, mas todos tiveram uma diminuição das suas atividades, todos tiveram uma diminuição da sua renda ou da sua receita. O BRB passou por isso, os bancos de um modo geral estão enfrentando esse problema, e os empresários. Prova é que só a construção civil demitiu, em 2015, 80 mil pessoas; o comércio, mais de 100 mil. Isso é fruto da crise.

Então, quando eu vejo aquilo lá, que falta diálogo, que falta respeito, um pacote de maldades, eu digo: será que essa é uma relação de parceria? Vocês são representantes do BRB nos pontos em que vocês estão, vocês falam no nome do BRB. Então, essa relação não pode existir. Agora, relação de diálogo e respeito não é dizer “tudo o que quer, a gente faz”. Nós temos compromisso com a perpetuidade do BRB. Nós temos compromisso com o resultado do banco, até porque o BRB é o bem mais importante do Governo do Distrito Federal, ele é um ativo do Governo do Distrito Federal. A verdade é o seguinte: o banco se apequenando, apequena-se o ativo do Distrito Federal. Não é o governo que é dono, é o Distrito Federal que é o dono do BRB: 97%. Então, nós estamos lá preservando um patrimônio público. Estou dizendo isso porque eu não quero, em hipótese alguma, que a gente parta de uma premissa falsa de que o BRB não respeita, de que o BRB quer acabar. Isso não é verdade.

Já falei da situação econômica. Vou falar da contrapartida que o BRB dá, contrapartida social. Ele é banco público, ele tem alguns benefícios, mas também ele tem a sua contrapartida social. O BRB está presente em 99% das regiões administrativas. Não está 100% porque não inauguramos, ainda, na Estrutural, mas já está em processo avançado a agência. Estamos presentes, pelas conveniências, em 100% das regiões administrativas do Distrito Federal. Isso é um compromisso de banco público. Em muitos e muitos locais que sequer têm banco, nós estamos através de vocês. Isso é compromisso público.

Falou-se aí sobre alguns pontos. Eu não quero me alongar, mas eu não posso deixar de retratar quando foi falado que as fraudes ocorreram com conivência dos servidores do BRB. Eu não posso acreditar e não acredito nisso, até porque tenho certeza – e verifico todos os dias – da excelência do corpo funcional do BRB. Eu tive o prazer de ser servidor do banco durante 20 anos. Já não sou mais há treze, hoje eu sou de outro órgão do Distrito Federal. É sempre um grande prazer quando eu recebo um convite de voltar ao BRB para prestar serviço, porque eu sei o quão importante essa Casa é para todo o Governo do Distrito Federal. É um banco de servidor público, é um banco do empresário, é um banco, sim, parceiro dos correspondentes. Nós temos que ter isso em mente.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	51

Vamos buscar alternativas, vamos buscar juntos. Vamos entender. Temos a certeza de que vocês estão enfrentando problemas, lógico que estão. Todos estão enfrentando. Todos. Agora, não podemos, a qualquer preço, falar assim: vamos não fazer nada. Então, eu quero conclamar vocês a terem esse compromisso. Primeiro, vocês são parceiros do BRB, vocês representam o BRB. Não pode haver essa questão de maldades dos administradores do BRB com vocês. Isso tem que ser extirpado, não existe isso. O que existe é uma necessidade de ajustes.

O banco perdeu receita? Perdeu. Os bancos, de um modo geral, perderam? Perderam, claro que sim. A prova maior é que hoje, em parte significativa dos balanços dos bancos, a receita advém não da atividade bancária, mas da atividade de cartão de crédito, de seguros, da prestação de serviços. E isso engloba vocês. Nós já conversamos em relação a dar mais serviço. Nós não queremos apenas doar dinheiro. Nós queremos utilizar melhor vocês, otimizar essa relação. E nós já estamos adiantando: esse grupo de trabalho de que a Kátia falou aqui é justamente para que vocês passem a vender mais coisas: seguros, previdência, cartões, abertura de contas e outras tantas coisas, o que é normal.

O BRB Conveniência é um padrão. Já que o BRB nem sempre é padrão para outros bancos grandes, a conveniência é padrão, ela serviu de base para vários bancos. Então, não vamos aqui dilacerar essa relação, não vamos diminuir essa relação que nós temos e construímos. Estamos enfrentando um problema? Todos nós estamos. Todos: os trabalhadores – o Deputado sabe da luta que nós estamos aqui enfrentando com a questão dos endividados –, os empresários. Vocês são empresários, então não é só os que são correspondentes, são os empresários do Brasil que estão enfrentando dificuldades.

Não vou falar mais nada porque eu tenho uma relação muito grande e a Kátia falou muito bem, mas eu queria lembrar algo. Aqui a gente fala uma coisa, vocês sempre olham assim... Falaram aqui: "O banco não tem metas, mas tem o 250". O 250 não é meta. Isso é métrica. É dizer o seguinte: aquele que autenticar 250, ganha uma máquina; 500, ganha duas; 750, ganha três; 1000... E assim vai. Não é meta. Quem tem que ter a meta são vocês, a gente não estipula a meta para ninguém. Esse é só um exemplo para a gente não entrar em briguinha – falar alguma coisa, ficar assim; não.

A gente tem é que ser parceiro. Nós temos é que estar juntos. Temos que buscar alternativas juntos. Não quero dizer com isso que todas as propostas serão aceitas, mas sempre, sempre, sempre iremos analisar com todo o carinho e respeito que vocês merecem e dar atenção a toda e qualquer proposta que é encaminhada.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	52

De minha parte, é só. Eu queria agradecer. (Palmas.) Este aqui é um local de discussão, é o foro ideal, é a Casa do povo, que está cumprindo o seu mister de trazer o povo aqui para discutir. Eu queria agradecer muito.

Queria dizer que estou aqui com muito orgulho representando o nosso presidente, que não pôde estar presente. Eu tenho essa incumbência, como Diretor de Governo, de participar dessas audiências na ausência do nosso presidente.

Obrigado, Deputado; obrigado a todos.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Obrigado, Nilban.

A reunião foi extremamente exitosa, mas acho que os gestos falam muito mais do que as palavras. A gente precisa de fatos, a gente precisa de construção, a gente precisa de respostas, e é fundamental que elas aconteçam rapidamente, porque, por pior que seja a crise, vocês a estão sentindo muito mais do que o próprio banco.

Tenho certeza absoluta de que nós vamos encontrar uma saída, então é fundamental que a gente saia daqui – viu, Nilban? – já com um grupo de trabalho criado, com uma comissão, para que efetivamente, com prazo estabelecido, a gente consiga, dentro do que foi apresentado aqui pelo Sindcorb, pelo Cristiano, dar respostas aos anseios dos correspondentes. Então, se você puder já marcar uma data, uma reunião com nós Parlamentares... Fui incumbido pela nossa Presidente de cuidar disso, de marcar uma data, formar essa comissão e começar esse trabalho imediatamente, está certo? (Palmas.)

SR. NILBAN DE MELO JUNIOR – Eu acho, Sr. Presidente, que nós já temos um grupo constituído, já com um cronograma de reuniões, que está aqui. Então quero convidar um ou dois representantes do sindicato. Não podem ser muitos, senão a comissão não anda. Convido um ou dois eleitos por vocês. No dia 31 de março já temos a primeira reunião, então eu combino aqui com o Hugo ou com o Luciano para dizer o horário, o local, e vocês podem incluir uma ou duas pessoas.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Hoje o grupo de trabalho está composto de quantas pessoas?

SRA. KÁTIA DO CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Nesses encontros que já estão ajustados com a Arco, a gente inclui membros do sindicato.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Acho que poderiam ser pelo menos quatro, não é? Porque às vezes um não pode ir. Está bom, Cristiano? Acho que quatro membros.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Deputado, posso falar? Sou eu aqui, à sua direita.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	53

Vejam bem, nós, de uma forma ou de outra, através da Presidente da Casa... O que está acontecendo aqui está perto de terminar – esta reunião, esta comissão geral. A reunião que a Dra. Kátia e o representante do presidente do banco dizem que já está marcada com a associação, embora possa parecer que é a mesma coisa, eu não vejo como a mesma coisa. Essa reunião foi marcada com outro objetivo. O nosso objetivo – que nos trouxe aqui, que propusemos – está nesta pauta aqui na minha mão. (Palmas.) É bem diferente do que está nessa proposta aí. São coisas distintas. Se, por acaso, o BRB já estivesse com essa intenção, nós não precisaríamos nem desta comissão geral. Esta comissão geral está provocando essa pauta; a outra pauta não era esta. Eram coisas distintas. Embora possa parecer que não.

O senhor me desculpe a posição bem contundente, mas é dolorido passarmos quatro ou cinco horas nessa tensão e parecer que nós não demos um passo à frente. É a sensação que me parece, eu posso estar errado. Se eu estiver errado, eu peço ao presidente do sindicato que me corrija. Mas a minha posição é essa.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Eu vou convergir com o senhor. Inclusive o Nilban está propondo – não é proposta minha – que essa seja incluída na pauta de reunião. Mas eu também entendi assim, e o que a Deputada Celina Leão tinha me passado é que seria uma nova etapa de reuniões. Eu tinha entendido isso. No entanto, nada obsta que seja aproveitada essa, mas é uma decisão que cabe a vocês aqui, ao Nilban, à Kátia e a vocês representados aqui pelos presentes. Eu acho que agora é a hora, antes de findar nossa reunião, de decidirmos isso.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Gente, olha só, nós estamos...

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Se nós formos tratar a cada mês desse assunto, nós vamos morrer no segundo mês. Nós não aguentamos. Deputado, desculpe-me.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Pois é, eu estou vendo aqui que ela é mensal.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Mas as conveniências não aguentam mais trinta dias. Elas não aguentam.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Olha só. Com todo o respeito aos representantes do banco, eu acho que a finalidade é outra. (Palmas.) Pelo menos, é o que eu entendi. A comissão geral é de autoria da Deputada Celina



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	54

Leão. O que ela me passou aqui é que seria feito um grupo de trabalho com uma finalidade específica – para tratar dessa questão.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Com esta pauta.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – E, aí, talvez precise de uma ou duas, ou talvez uma reunião resolva o problema.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Com certeza.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Deputado, se me permite?

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Pois não, claro.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – A minha sugestão é que se juntem, porque o que a associação, que representa vocês também, quer, é a mesma coisa que vocês querem.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Ele acabou de dizer que não. Desculpe-me, mas a pauta é outra.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Então, a pauta é outra, porém nós vamos incluir esta pauta aqui. Se não, nós vamos ficar de conversa com a Arco, de conversa com o sindicato... Eu acho que têm que convergir.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Ótimo.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Então, a sugestão é que, nessa primeira, a gente inclua esse assunto aqui e pronto. Começa a discutir junto. Ok?

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Deputado, com todo o respeito, não era o que estava...

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – A primeira é dia 31.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Nós não aguentamos dois meses, Deputado. Tem que ter...

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Mas não está longe, está?

SR. CRISTIANO VARELA DE MORAIS – Nós não conseguimos atender esse calendário. Teria que, no dia 31, nesse encontro, diminuir esse calendário, porque, como o nobre companheiro está falando, a gente não aguenta mais trinta dias.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Não aguenta trinta dias, Deputado. Não aguenta trinta dias. Nós estamos com a força aqui e estamos sendo enforcados.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Deixa só eu esclarecer um ponto: no dia 31 de março vai ser a primeira reunião. Aliás, o que acontece? A definição foi que mensalmente haverá reunião normal. Isso é uma coisa que vai



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	55

acontecer, apartado da pauta. O que eu estou sugerindo aqui é que na primeira reunião a gente inclua esse assunto com a Arco e o sindicato juntos lá, e aí a gente conversa. A partir daí estabelece o que for preciso. Não quer dizer que a segunda reunião será dali a trinta dias. Não. Estou dizendo para a gente já incluir a pauta. A gente inclui a pauta na primeira reunião.

O banco vai analisar. Mas quero deixar claro aqui, Deputado, que nem todos os pontos... Assim como a própria Deputada disse aqui, o banco não está dizendo que nós vamos falar “sim” para todos os pontos.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Com certeza.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – O que nós estamos dizendo é que nós vamos analisar juntos, ok?

Então, a minha sugestão é que não se criem dois grupos apartados, gente, porque vocês são representantes do mesmo grupo.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Não, mas a ideia é um grupo só. O que está se discutindo aqui é o calendário.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – É isso aí.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – É o calendário.

SRA. KÁTIA DE CARMO PEIXOTO QUEIROZ – Temos a primeira. A partir daí a gente estabelece outras reuniões, mais amiúde, para discutir esse assunto aqui.

SR. PAULO ROBERTO MATOS – Eu queria parabenizar a Dra. Kátia, que deu uma virada, graças a Deus, porque ela estava levando para a pauta da associação, e esta pauta aqui é outra. Deputado, esta pauta é a nossa sobrevivência. Isso é real.

PRESIDENTE (DEPUTADO WELLINGTON LUIZ) – Então, para não nos alongarmos mais, eu quero agradecer a presença de todos os membros da Mesa. Eu quero agradecer a presença de todos vocês, na pessoa do Eduardo. Não tenho dúvida nenhuma de que estamos no caminho certo para resolver esse grave problema. Parabenizo a organização de todos os correspondentes. Se estivermos organizados, certamente, estaremos dando dignidade a esses que prestam um excelente serviço à população.

Agradeço ao nosso Cerimonial, nas pessoas do Danilo, do Campos; à Segurança, nas pessoas do Roberto Carlos e da Fabiana; e todos os demais que aqui se encontram. Eu gostaria de agradecer as presenças dos Parlamentares, das autoridades do governo e demais convidados.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada esta Comissão Geral, bem como a Sessão Ordinária que a originou.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
17	03	2016	15h38min	19ª SESSÃO ORDINÁRIA TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	56

(Levanta-se a sessão às 19h10min.)